

CADERNOS DE NACLA

2015 / 2016 - anotações

ALIMENTO DAS SEGUNDAS - Lucy Salles

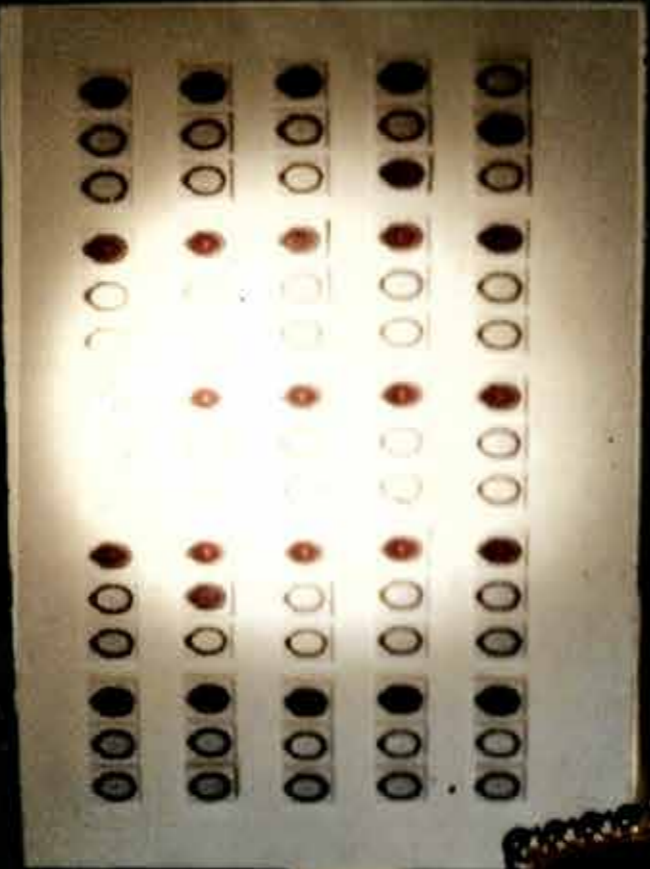
ANAIS - Ações Comparadas II



Coleção Cadernos de NACLA - Alimento das segundas - Lucy Salles
Anotações 2015/2016
Edição Numerada / assinada / datada pelo artista

Edição

/
10



SANTA ROCCO

8/02/16 Encontro de estudos

v. Boa Ventura sociólogo ligado ao projeto ALICE - O q. vale desenhar mapas se ã haver viajantes?

Educação sem escolas (fonte: Ivan Illich Paulo Freire bebeu nele)

2015 - livro TAZ (definida p/ si mesma)

Pequena coléctica de Max Bense
"Texto de Ganglione" | produto,
pintar frases p/ caderno | mão na mar.
so.

Peter Lombroso / sufismo
Takim Bey / anarquismo | enfatizam
publicações
(usa a rede

movim/ de rua (contra o poder)
lugar físico onde estamos ou não

Escancar pag. (pauta de 1 lado
pesquisa do outro)

* Os protocolos vão p/ Coimbra
Os Anais definem o meu fazer e pesquisa



bas e corimbos

2016 } pago do grupo todo

2017 } Andrea Giunta localiza a
antiquidade.

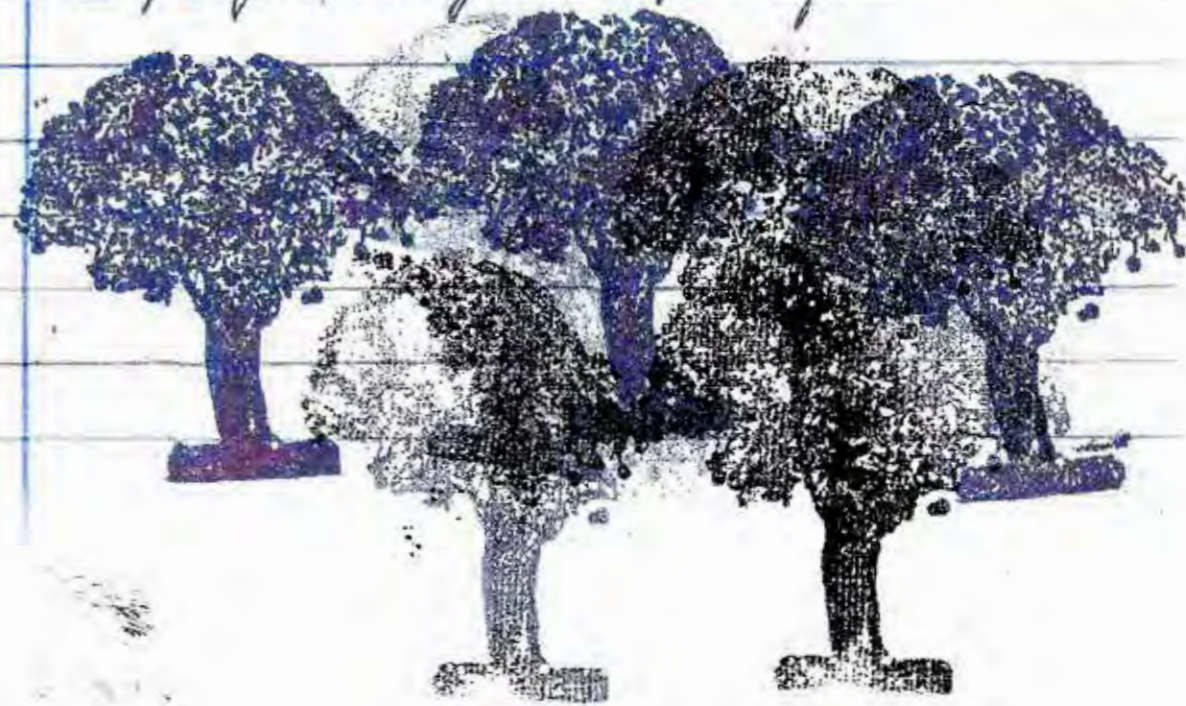
Pegar : questão do fazer e
do poder + textos
do veículo do livro e idade?

Principal - é o palpável (produto cul-
tural p/ enviar a quem faça a #
Fechar as 3 partes do protocolo, do
veículo 1.º

Fazer um boneco e 8 folhas (16 pag.) A4 -
Jornal, modelo do Leon Ferrari. Fechar
o campo signico. 2) Como vejo a arte,
+ signagem e pesquisas

v. Leon Casadilha

Capa jornal + grosso tipo craft



3 Paralelo ao formal, vamos usar o livro de Matisse e todos os signos transformados em gravuras.



2017 : 1) C. postal (tipo o da Lúcia Tarjeta) : uma imagem, atrás e os consignos (fazem o envelope)

para livro TAZ.

ato criador como um processo q. requer:

1) acúmulo de trabalho

2) inovação, incerteza e precariedade

e/ a. interculturalidade

TAZ zona autônoma, ã é um ensaio ou tentativa poética.

TAZ - formação de redes de conexão, espécie de rebelião q. ã confronto, se dissolve antes q. apareça o confronto, áreas ã ocupadas (música erudita no metrô) construção de um fato fazer

Banco de projetos - Sublunas e caterna, procurar local p/ expo-los.

|| um crítico analizador p/ ter um texto.

- ✓ Signos de consignagem possíveis
- ✓ Meu posicionamento em relação à arte
- ✓ Lenda pessoal e um ato peregrino.



dia 7/3/16. Encontro de estudos.

Pedagogia subalterna - o q. está por baixo do signo.

Importante é buscar o q. ã aparece, ou mo q. o signo ã tem: caminho das ausências

Campo da ausência (v. espelho) só existe ao ser colocado algo em sua frente. (reflexo). Flexo = transformar em dois.

v. Prá algo q. criou o espaço → teoria dos campos.

v. oratório - v. orfar

local de orar - boca (som or é o feitiço da boca)

v. Fabio Hermavum - teoria dos campos, o q. é psicanálise

v. Semiótica, teoria Greimasiana (no caderno de 2015 pag 98)

v. Joyntby - (Provocações)

Verbo signo e/3 ou + interpretações, percurso gerativo de sentido (proposta aberta)

v. Taristock Institute

Transformar o signo p/a Web. (v. Renata Py)

No folder individual usar só o q. restou da oficina, i.e., os p. retratos onde as crianças escreveram seus recados.

Greimasiana, ações comparadas, produção gerativa. pegar signos de 2 artistas p/ comparar

Como anunciar? tem q. ser um produto
Beventura 2016 / ex C. postal
Ivan^e Ilich } escolher frases!
Max^e Bense (peq. estética)

TAZ e Canclini - escolher frases
e Pufitén: Sociedade custo 0

Encontro de estudos em 4/4/16

Rever anotações do encontro de 21/9/15
Pacto de aliança - 'Estratégias fatais'
(Jean Baudrillard) pg 154 - no caderno
pgs 63 e 64 Anais 2015

1º bloco - O enunciado do entardecer
p. chave - Prudência

2º bloco: O voo da coruja p. chave:
p. chave - Elegia

v. datacacia - carmin - sepia
lício molusco

v pacto de aliança - encadeam/ das aparências
sedutores.

ligar por forma, cores, conteúdo.

Conceito Mor

processo gradativo ← conceituação (importante lembrar
está p/ ser,

escalas

semem

comemoração do vivido

1º passo atelier

cidade - aldeia

aberto

qdo chega o

outro de fora, e

o estrangeiro

m



Início hoje a discutir o jornal (publicação)

Questões

- 1) editor, linha do tempo
 - 2) de produção
 - 3) oficina
 - 4) 80 folhas
 - 5) veículo especial
- 1) os 7 signos e os 60 signações
- 2) traçar um plano e executá-lo passo a passo e construir conceitos
- o homem q. deixa seu registro. Comemoração em local público

está man...
dando p/Cris

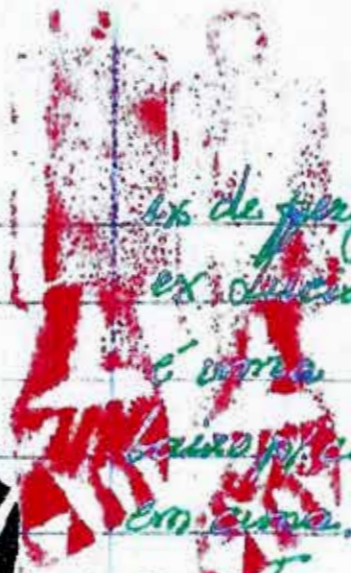
Signos de

- ligados a porada presente e futuro
 - 1) correspondência
 - 2) consequência
 - 3) conveniência
- corpo indizial
simeli^o por forma, ma-
terial, coisas em comu-
conteúdo, função

passo a passo
de novela

v. escutar - indagar, examinar, detalhadam/
arte q. pergunta.

v. esquadrinhar - é descobrir a forma do signo
colocar, pte dentro do esquadro, ver se cabe num □ ou △ ou ○



ex de perguntas a fazer ao signo:
ex. claria para seu signo: quem é vc?
é uma haste vertical; ponte de saída de
luz p cima, uma ponte em baixo; outro
em cima.

v. escutar = procurar erros, são atos im-
portantes
conduz à algo
reflexão - procurar a outra imagem do
signo: o reflexo
ação refletida

v. 1º veículo do Olivo: momento terri-
tório, pertencim/ ter território
onde habito
vestim/ da alma

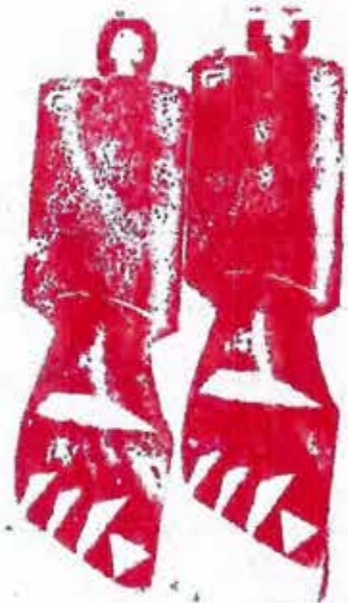
Relacionar os signos aparentemente des-
conexas

a um conceito social

1) Correspondência - prática
ida e volta,
da só existe se houver resposta.

Dialética de conflito

1. Dar o nome ao signo:
2. ir ao mito; antepassado ir à tradição
3. Quais elem/ q. o signo tem 10 palavras s/o signo outro lado



o 4º tempo - é eterno - a existência, mortos vivos q. alimentam a obra
relacionar c/ as 4 estações

Veículo especial pronto p/ Cui



boneco c/ 14 folhas
60 segundos

1. Como vejo a arte (dirigir p/ Vermelho)
2. Carimbo localizador do Trabalho, transformar o selo em carimbo
3. selo como carimbo
4. bloco de palavras c/ pesquisa
5. Alfabeto - Conceitos de
6. Correspondência - consequência
convivência - ato de comparação

A parte do meio do jornal: Projeto Convívium - 1º veículo - do Ilirio: Homeno / Território. A arte realiza na produção

Pertencem - ter território onde habita
vestimenta da alma

Relacionar os signos aparentes descobertos à sua conceção social - Representação simbólica - Ações comparadas, Projeto Convívium



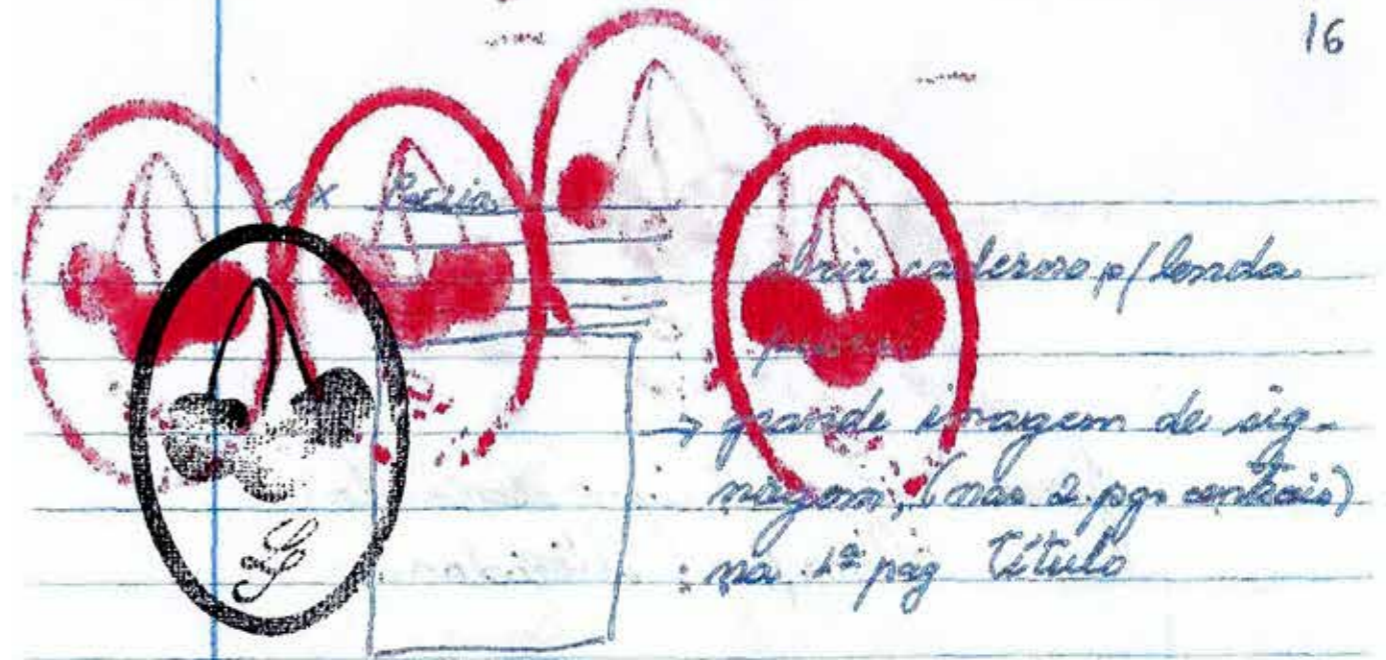
Reunião de estudos em 2/5/16

Recuperação reunião de 6/4/15: Seminário do Vale - Isabel Mates Dias - (2008)
 Há todo um trabalho q' o corpo e sentidos ...

- Trazer:
- 1) O inesperado
 - 2) o imprevisível (fora os 7 signos)
 - 3) a crítica
 - 4) a auto crítica
 - 5) a avaliação

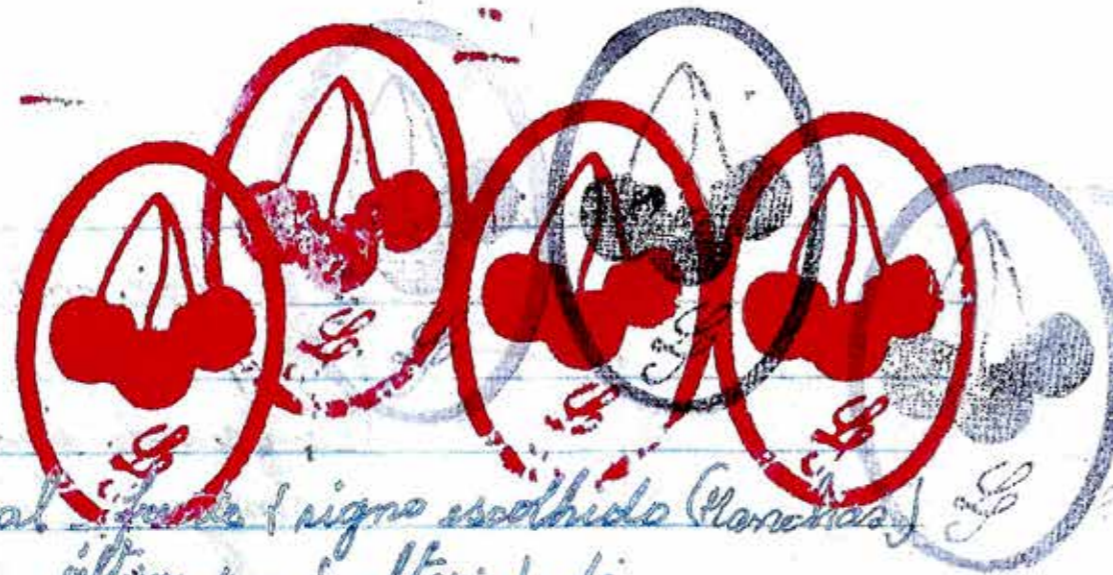
1º passo - pensa, qual ação fazer?

vernal: apreensão do conteúdo, paga como gravuras e cores no baixo, de poeta reconhecida (e.g. para ser utilizado)



→ grande imagem de sig-
 nagem, (nas 2.º pag. contais)
 na 1.º pag título

Reflexo é uma ação (do lat. reflectiones)
 aquilo q. tem 1 percurso e encontra
 um obstáculo no Rio, pensam/ de
 meditação. 1) Abordar o signo com
 profundidade. 2) Determinar 1 signo
 ligado à lenda pessoal. 3) Estabelecer
 uma questão, questionam ligado
 ligado à sociedade fornirimo
 e uma alteridade - (o outro, alter, liga-
 do ao outro) o estrangeiro



→ jornal fonte (signo escolhido (Planckas) última pag & alteridade.

Publicação - momento em q. uma ação particular se torna pública

As 4 causas de Aristóteles (toda causa está

no porquê 1^o causa - material (disciplinada) reparar os materiais (as casa tijolos, cimento etc

2^o " " formal (projeto signageros

3^o " " eficiente (pedreiro, mão de obra, processo documentado

4^o " " finalidade e função: hospital, colégio,

Em toda causa há um efeito q. pode ser respondido nas 4 causas acima, pensar o q. quero p/ o futuro e abrir novas frentes

✓ Lomi Bhabha fonte de Poesis Drama



2017 - Arte e Formas Latino Americana na USP

Fotografar o Anais 2015 (escanear) G.D.

out. 2015 ✓ Reflexão - Precariedade em Artes Visuais

✓ Galileu Galilei - Laboratório metódico científico

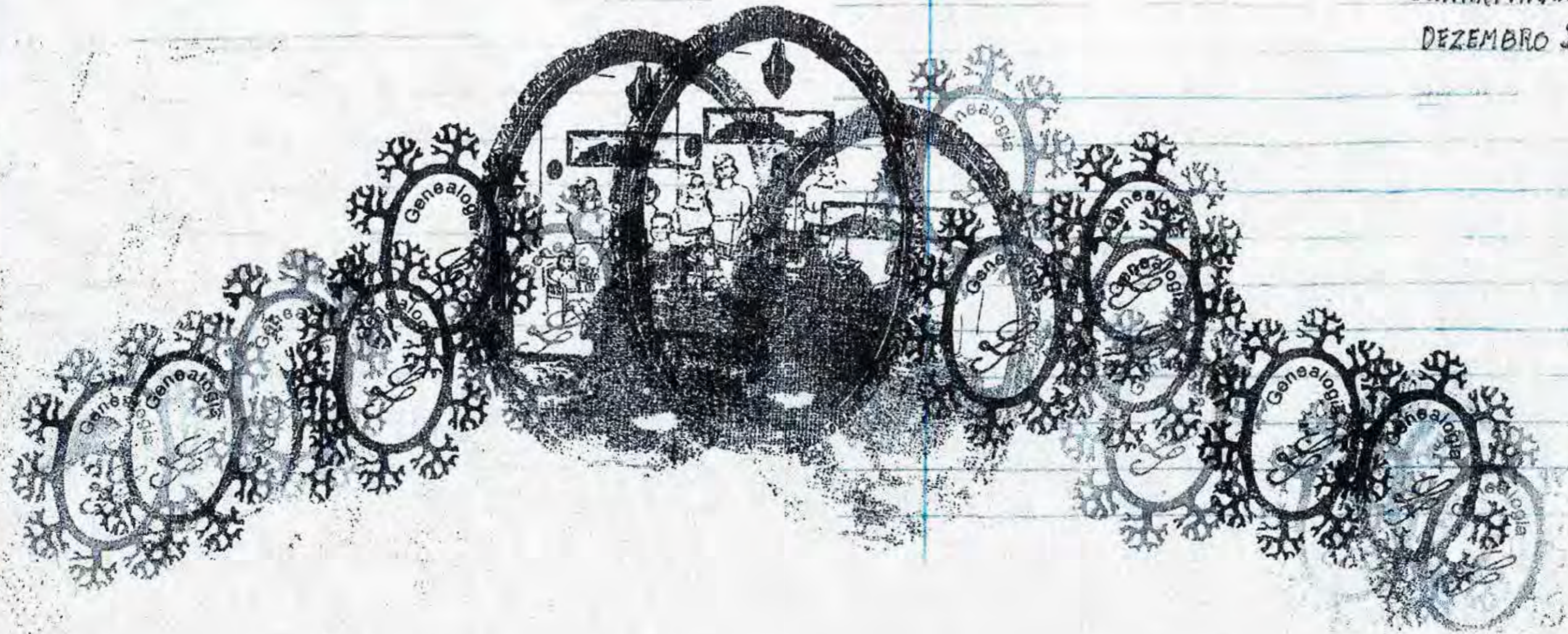
✓ Pequena estética pg 15

✓ Estética gerativa page 95 caderno pequeno 2015 (já em G.D.) Anais 2015

1	2	3	4	5
7 SIGNOS	BLOCO DE PALAVRAS	CARIMBOS LOCALIZADOR	ALFABETO-objeto	Projeto "NAVEGADOR"
70 signagens	EM 5 LINGUAS ESTAMPARIAS DOS BLOCOS DE PALAVRAS	CARIMBAGEM Fotos: Arte Photo Jelas C. postais	SELO GRAVURAS DO Selo	
FOTOS DO Objeto				

Site

6	7	8	9	10
SIBILINAS	IRRADIAÇÕES	PUBLICAÇÕES	ATELIE	MAPA
QUATERNO	SACOLA CADERNOS JOGO AMERICANO C. postais	80 PÁGS folheto "OLICINA" PROTOCOLOS FOLHA MERCADO TRAJETORIA I LINHA DO TEMPO	FOTOS Arte	BAIRRO BREVE HISTÓRICO
				Projeto Multiplataforma de COMPARTILHAMENTO DEZEMBRO 2016



6/6/16

Encontro de Juchô

Homi Bhabha - e Peres Ramalho

"O local da cultura" - uma breve resenha.

No livro, Homi Bhabha propõe uma discussão sobre o sujeito colonizado e o colonizador, levantando questões sobre como ocorre a construção do discurso sobre o poder q. garante a dominação e superioridade de um povo sobre outro.

Dois conceitos são fundamentais p/ entender esse processo: o estereótipo e a mimicria. Além de um discurso q. exalta um povo, uma nação, valores são repassados de geração em geração.

Enquanto q. tudo q. não está presente nessa narrativa passa a ser desconstruído, repudiado e mal visto. Com isso, temos a criação de estereótipos q. fixam uma ideia negativa a respeito do outro. 10

não está classificado dentro dos padrões sociais requeridos.

O estereótipo atua no sentido de reconhecer e de recusar a diferença. Ele impõe um enquadramento, uma classificação, q. não corresponde muitas vezes à realidade social...

A formação da ideia de uma nação ocorre através do compartilhamento de sentidos de narrativas produzidas pelas culturas nacionais. Como afirma Benedict Anderson, "a identidade nacional é uma comunidade imaginada." (Anderson apud Hall, 2006, p.51).

São narrativas moldadas pela força das inter-relações sociais, q. comportam no seu interior elementos de coesão, resistência, consonância e dissonância.

A nacionalidade é um conjunto de representações, características da cultura de um povo q. permite reconhecê-la, diferenciá-la dos outros.

Não importa quão diferentes seus membros possam ser em termos de classe, gênero ou raça, uma cultura nacional busca unificá-los numa identidade cultural, para representá-los todos como pertencendo a mesma e grande família nacional (Hall, 2006, p.54).

Diferentemente/ dessa visão homogênea e horizontal, Bhabha propõe uma nova forma de pensar a nação, privilegiando seus conflitos sociais, suas minorias, seus grupos excluídos. Bhabha também discorre sobre o conceito de diversidade e diferença cultural preferindo a utilização desse último termo p/ o tratam/ das questões ligadas a cultura. Segundo ele, a diversidade cultural abrange um universo de coisas, enquanto diferença cultural representa melhor como enunciados, são criados p/ promover a legitimação de determinadas culturas em relação a outras. (<https://paquirafacomul.jf.files.wordpress.com/2013/07/local-da-cultura-1.jpg>)



30ª Bienal de S.P.: uma entrevista c/
o curador Luis Pérez-Oromas / casa

Que conceito verteu a bienal?

A articulação entre as ideias de iminência e poéticas é, para nós, curadores da 30ª bienal, nosso motivo. Não pretendemos q. os artistas ilustrem ou representem nosso motivo. Apenas q. suas obras entrem em ressonância com a constelação de perguntas q. se pode deduzir de tal motivo. Como a arte contemporânea — e o q. permanece entre nós das interrogações modernas — funciona em um mundo de iminência, de acontecimentos por vir, imprevisíveis? Como a prática artística responde, em última instância, a uma série de decisões poéticas, discursivas, enunciativas e vocais?

Por que essas questões são relevantes

hoje?

Todos se recordam de dizer q. vivemos num mundo cada vez mais dependente de um estado de iminência, q. os sistemas totalizadores de pensamento foram desmontados pela realidade, q. as certezas quanto à realidade humana — as instituições políticas, o destino histórico, as linguagens, os acervos de memória, as unidades familiares, as nações — se desvanecem mais rápido q. nunca na história.

Devemos entender q. a arte pode servir para q. aprendamos a viver mais produtivamente/ esse estado de iminência. Precisamos aceitá-lo e usá-lo para transformar nossa existência — sem messianismo — por meio da arte e de suas poéticas. Isso me parece da maior atualidade.

— Por que a distribuição dos trabalhos e dos artistas foi feita tendo como base

constelações?

Tudo aconteceu de forma muito rápida.
Partimos do princípio básico ao legado mo-
derno sobre a compreensão dos sistemas sim-
bólicos, de q. os signos, as formas simbólicas
(e a arte é isso, p/ além de todas as van-
guardas) não tem significado em si mesmos
e não ser quando estão relacionados entre
si e com outras formas, símbolos, estra-
tégias expressivas. Buscamos imaginar
uma bienal q. supere definitivamente o mito
romântico da obra genial, q. existe como uma
entidade autossustentável e absoluta.
Isso nos leva a privilegiar os vínculos, as
relações e nos faz necessário falar de
constelações. O linguista Ferdinand de
Saussure deixou claro, há mais de um
século, q. a estrutura da linguagem é
constelar, parte de relações binárias. A
linguagem funciona de forma diferencial
O q. nos interessa então são os intervalos

diferenciais entre as obras, q. é onde
reside o sentido. E isso só pode
ser manifestado visualmente como
constelação, atlas, sistema, etc

Como foram formadas essas constelações

— A 30ª bienal se manifestará de várias
formas constelares: há constelações de
imagens no catálogo, há constelações
descritivas no guia, existe um auto-
guia q. propõe as relações na mon-
tagem, existe a constelação de obras
fora da bienal (pavilhão da bienal)
Finalmente, há a constelação da própria
instalação, em q., obviamente, teremos
de lidar q. aspectos inúmeros, como
as exigências dos artistas, o requerimento das
obras, as possibilidades e os limites do edi-
fício, etc.
Duas dessas constelações me interessam
sobretudo: uma referente às obras

q. se manifestam por meio de tipologias, basicam^{nt} no espaço climatiza-
do, e outra referente às reações com-
plexas e contraditórias entre a lingua-
gem e a imagem, localizada no 2º
andar do Bienal.

— Que artistas relativam^{nt} pouco conheci-
dos de grande público no país devem
surpreender os brasileiros na sua
opinião?

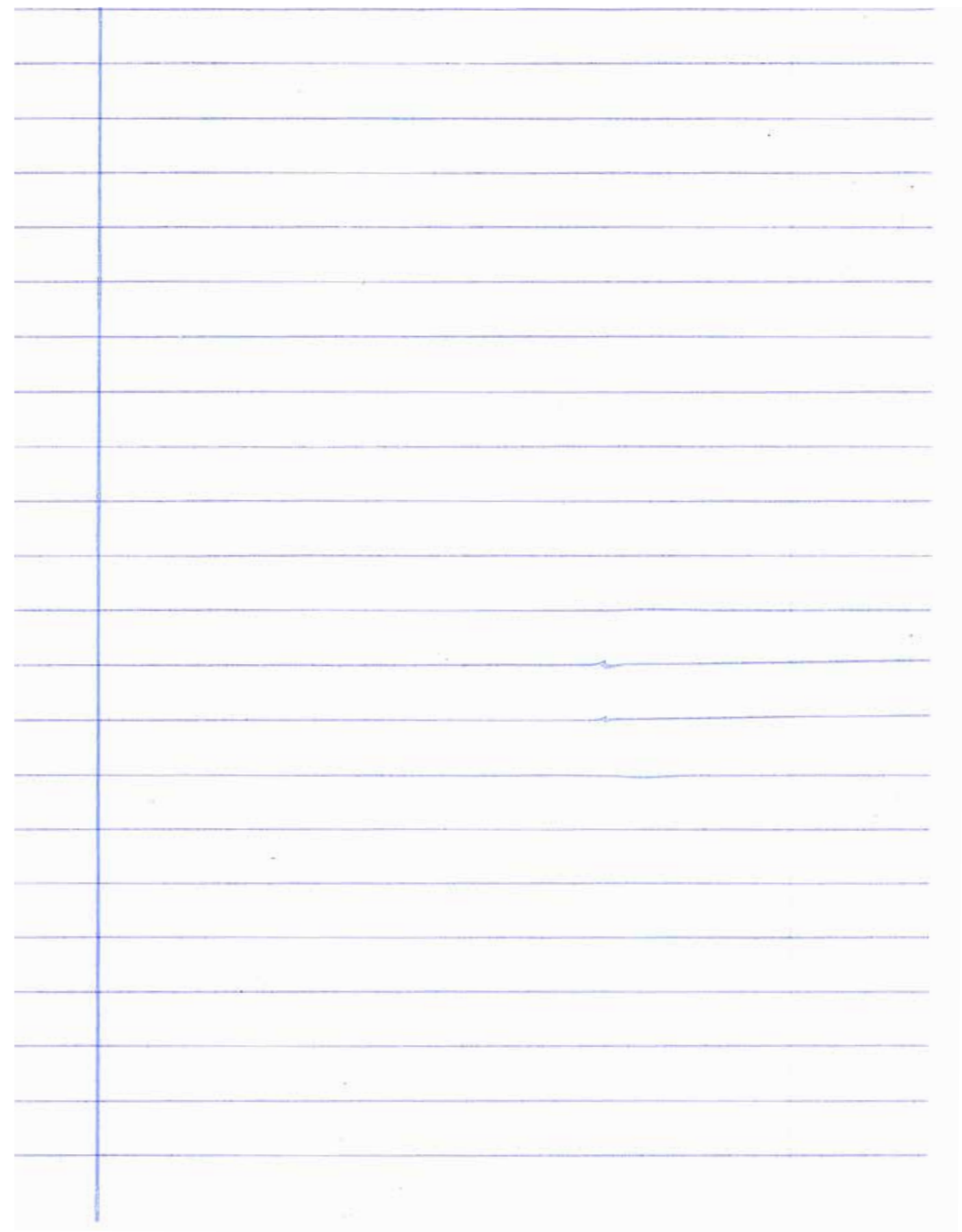
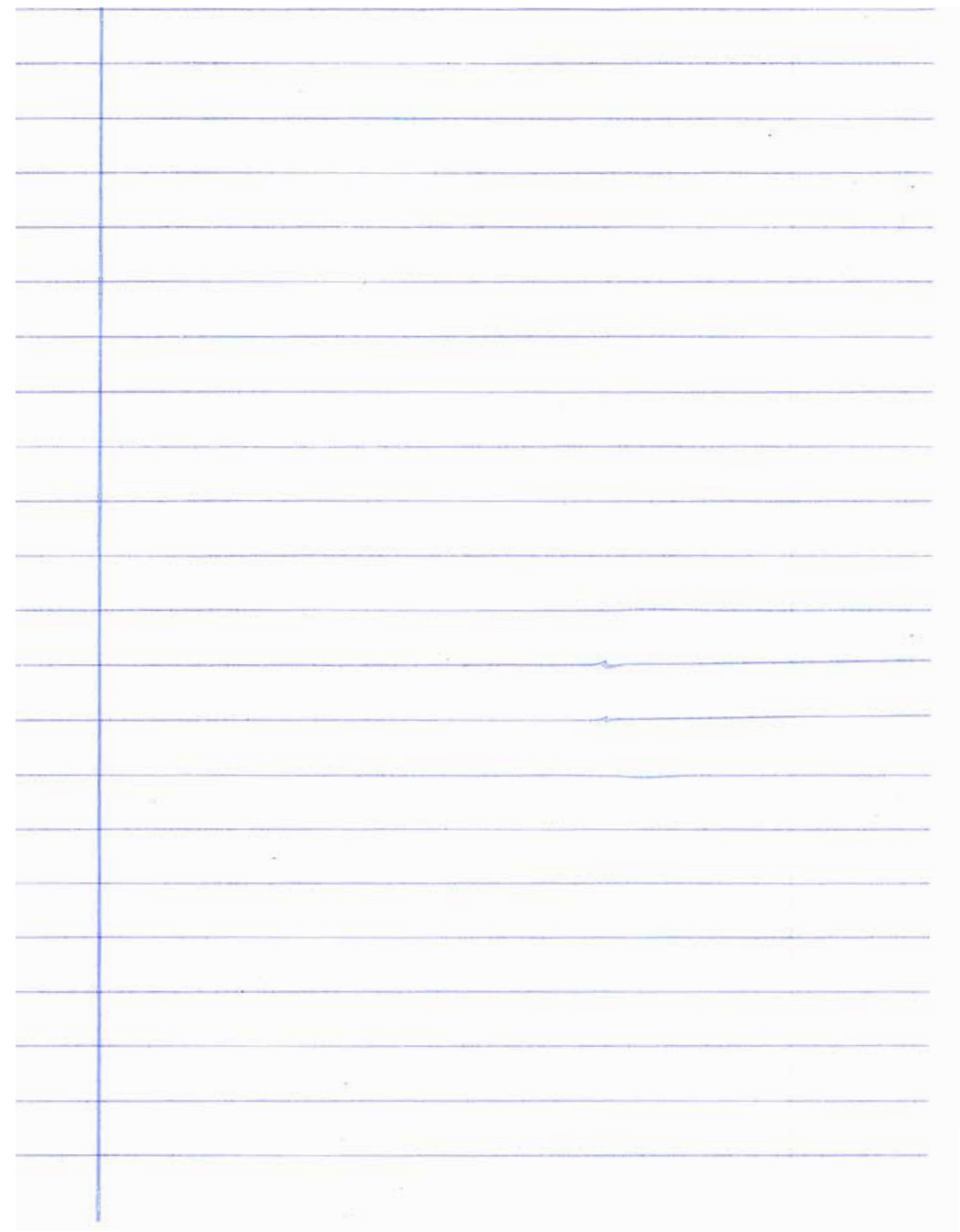
— Jiri Kovanda, Juan Luis Martinez,
Sheila Hicks, Frederic Bruly-Boua-
bé, Fernand Deligny e Tehching Hsieh
são alguns deles.

Francia Fanon 3º mundismo década 60
v. Carlini -

Homenos e coraungofosse Castro
hibridismo nas artes
relações entre mítica - mitologia

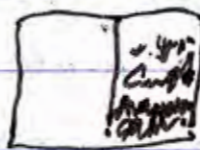
Anais pesquisas e comentários
desterritorialização -

Encontro de estudos julho 2016



5/9/16 Encontro de estudos

Tem nome
Começar 1 caderno novo p/ os 100 diferes
atrás das 100 fotos escolhidas do projeto
Karma, Karmims - vermelhos do bairro.
Corcolhida - Um olhar fotografado.



Ações Comparadas

Cadeira (4 pés da cadeira)

1º pé - Projeto externo. Começa q o conceito

2º pé - Jornal das signagens: Anais

3º pé - Anais lançados na Bienal. 2018 lançados na

4º pé - Individual.

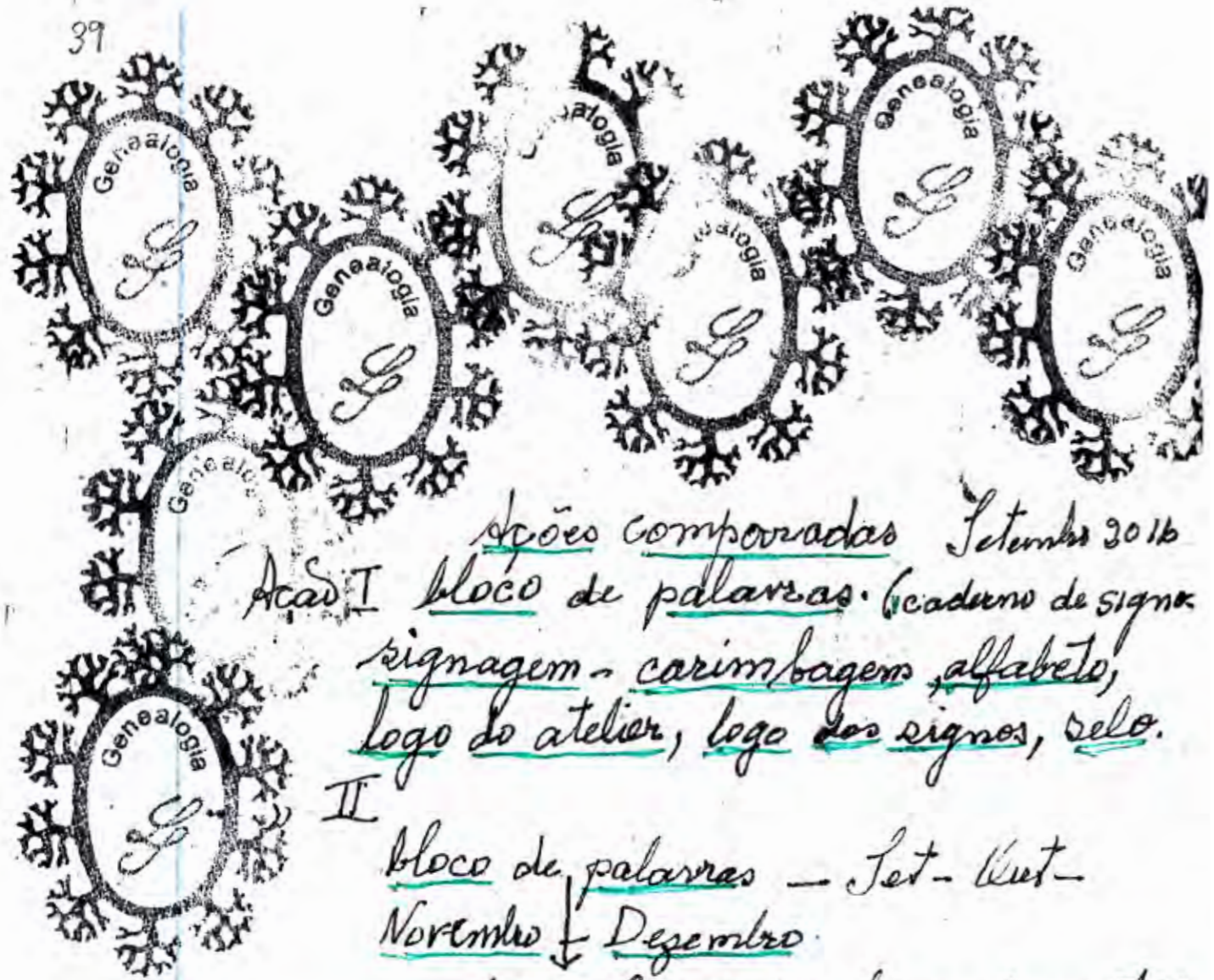
Setembro - Conceito - Outubro - Método

bloco de palavras.

(3 possibilidades). O caderno q. estou
abrindo hoje, faz parte da minha in-
dividual e carimbagem (tem nome.)

Abri o livro externo p/ a cena, falando de
época - passadas, pertences, 80 pgs, usar
possibilidades ^{em} 3 linhas?

cada texto terá 3 linhas

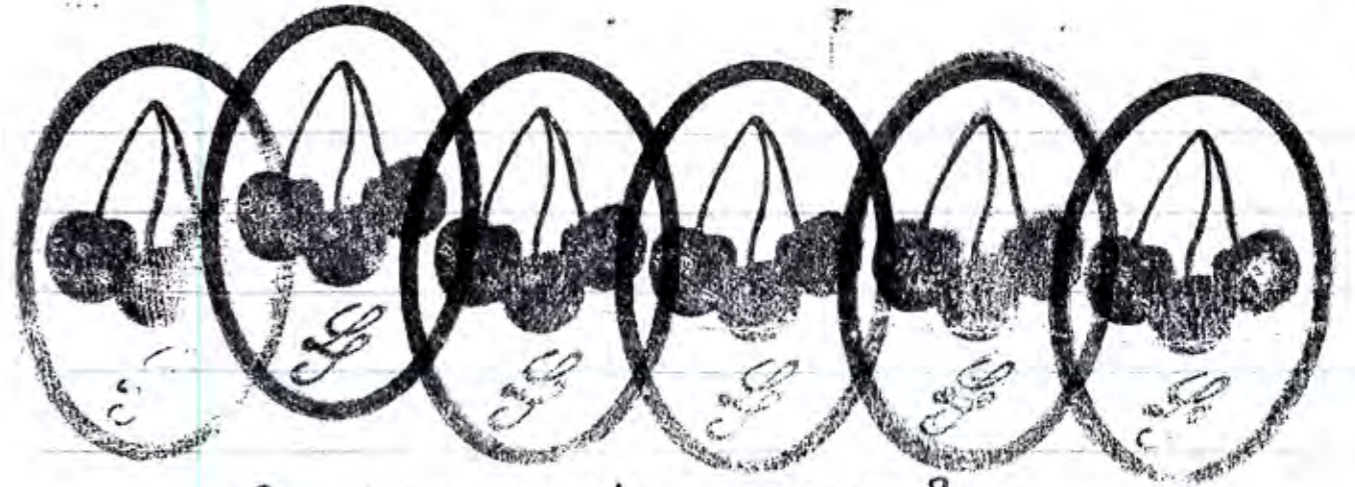


ações comporadas Setembro 2016
 Acad. I bloco de palavras. (caderno de signos
signagem - carimbagem, alfabeto,
logo do atelier, logo dos signos, selo.

II bloco de palavras - Set - Out -
 Novembro & Dezembro
formal e carimbo, caderno artista

III
 Caderno de artista: identidade - pela repetição da apresen-
tação
vertical
 ↳ mitos = chegar nelas

1. Todo conceito remete a um problema
 indagar quem é a mãe e o pai do
 signo. O nome é o 1º estágio da identi-



2. é p/ mercado ou museu?
 onde nasceu?
 para q. serve?

3. Toda criação pressupõe um plano
 Segundo Deleuze: 2 características
 1 - um conceito sempre remete a outro
 2 - há pedaços vindos de outros conceitos
 e planos (aberto a todas possibilidades)

Conceito ã é uma proposição designativa,
 ã é medido pelo seu grau de referência
 mas pelas componentes q. o integram

(Para o site da Beth: uma série fechada)
 Todo conceito é complexo
 " " é o contorno, é constelação
 idem - vou (repetida) a raiz

Encontro de estudos 28/9/2016

Arte Ba...

Projeto de viabilidade: Grandes séries p/ o mundo, rubrica p/ futuro

Requisitos: 1. todas as obras acompanhadas dos respectivos registros no caderno de atas (c/ cópia p/ o cliente da Galeria da Beth + certidão, carta compromisso + RG + assinatura, cep

série: Nome e data

Curículo localizador (Técnica, medidas em 3 línguas. Artista trabalha c/...

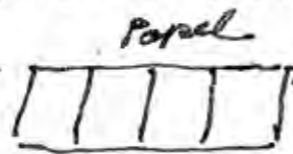
Séries de 12 p/ calendário e agenda
Linha do Tempo só c/ projetos (banco de dados)

Linha de Produção. (de mercado)
materiais usados e medidas



Estrutura e esqumra de visibilidade

2018 (identidades // (4 entradas da mandala) idade) atividades //



Atelier Aberto 2018 (fotos do atelier modelo espaço anfitriã) mapas das artes
Horários de visita: manhã - Tarde - noite
serviça

Preparar: Jacobas Galt (papel) carimbada assinada em 3 tamanhos e > em tecido // lembrancinha (pcte de chá vermelho e potinha de geléia)

Trajetoira II

20 pg do Trajetória I { em 8 linguas
+ 20 " fotos do Atelier { procurar patrocínio
vídeo

Na Casa das Rosas
veículo VIII cartografuras - 1 projeto a
venda - cadernos do Nacha - Ocupação de
1 sala (expo) - Grdes estandartes + Uma cerna
+ Art Ba, lojinha Campo pesquisado 1.50 x 1.80 m
pratos



Sementarões - Casa das Rosas

QR Code c/ interferência ocupando medidas, uma sala (x)

Veículo VIII exposição c/ 1 projeto à venda e cadernos do Nacha

OK (p/Cris o de 2015) (estancar 2014) cartografuras

Grandes estandartes +

Art Ba - lojinha: pratos campo pesquisa

Uma cerna - 1.50 x 1.80 m (passar p/ Cris)

Linha do tempo (boa de dados só de projetos -

Linha de produção (mercado) dimensões.

Encontro de estudos 3/10/16

Todo conceito remete a 1 problema
(Gatti em A Sobra)

v. frase de "Ulisses de joia" p. 13

"Eu sou um servidor, servo de um servidor"
Num c. postal (caso da Gersony) só tenho
conceito quando apresento várias formas
(de apresentar) c/ fragmento de um mesmo
assunto, no caso do Norra "Sobre rãos
da escolha: 1 desenho, 1 pintura 2 objetos - arte
e uma performance

v. Etnografia

v. filme: Divertidamente

Estrutura de uma narrativa

1º pilar = Conceito

2º " = Método: a) Formação e circunstâncias
b) Alteridade

1º pg bloco de palavras - (7)

7 carimbos - alguns protocolos

2º) Recolher fragm/ pertinentes ao meu
trabalho c/ registro da exposição, e sel

Novo caterno 2017/18

Cena - Instalação - c/ materiais p/ arte concei-
tual fora c/ projeção no steel - prototipo
e projeto - quem tiver a Cena;

1º pilar - Conceito

2º) método - Formação - o q. forma a ação con-
creta - Bloco de palavras -

7 carimbos - selo -
alguns protocolos

→ fragm/ pertinentes ao trabalho

Comentários: QR code c/ interferências na
Casa das Rosas - 4 gammas c/ o campo pesquisado
Grandes estandartes

em 2013 - Exposição no Museu de Arte de S. P e mais 4 espaços de S. P - deverão estar também no meu atelier (Multiverso) Arte Concitual pura; referente à expo¹

Formatação

Cena, Projeção, Instalação - no atelier: projeto e obra (prototipo)

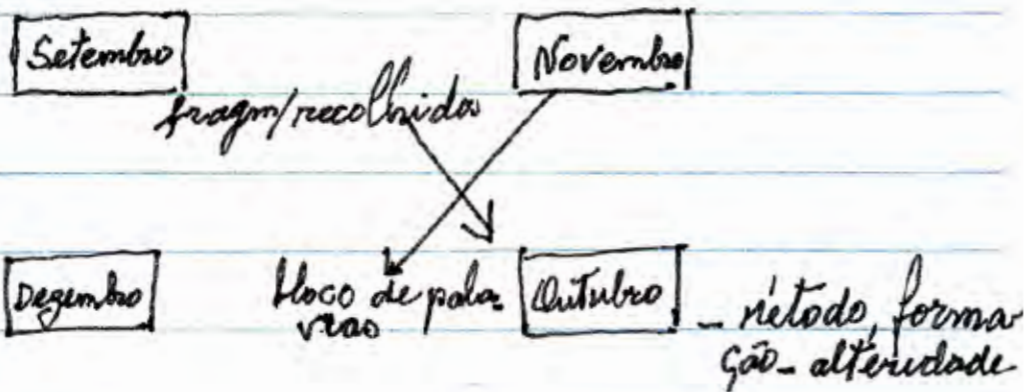
Na 1ª pag - bloco de palavras - selo - 7 palavras p/ os signos usados

3º espaço - roteiro de filme sobre o atelier cena por cena

(Cerca das Reses) Um estandarte c/ os 7 signos

Alteridade (método)

ex Tunga = As viamesas capilares



Abrir caderno p/ Ações Comparadas (os 100 dizeres) usar os carimbos

1ª pag - Bloco de palavras - todas as pag estarão expostas - 1 localizador do meu trabalho. Os 100 dizeres tem no me.

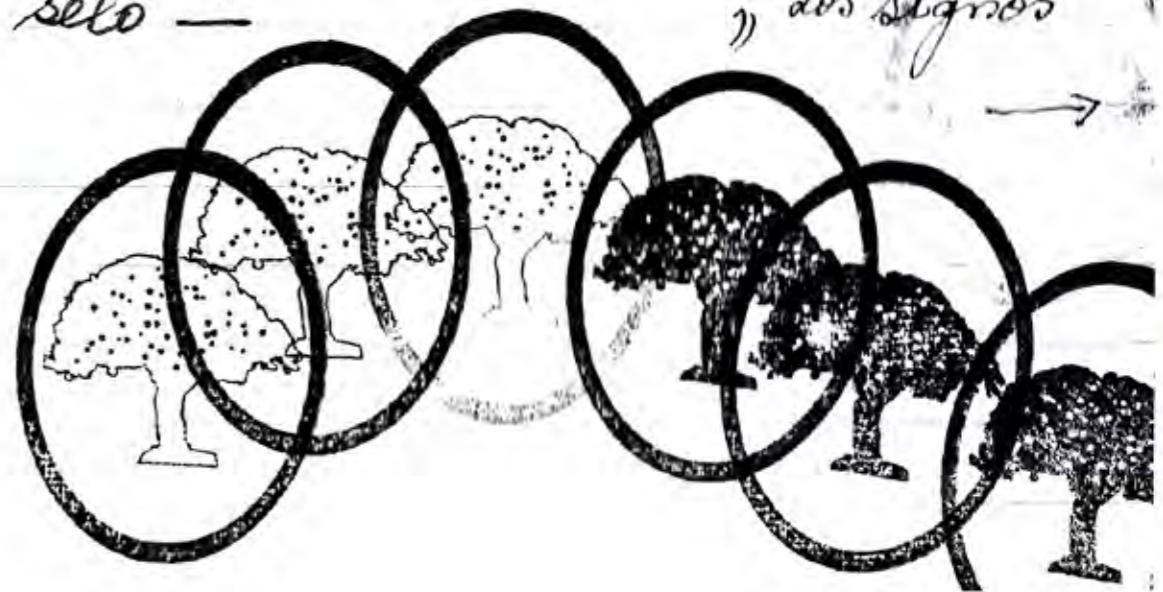
frases c/ 3
linhas,
são tiradas do
bloco de palavras

ir na
mãe e pai
etimologia verti-
cal

A exposição será de gravuras das pagos deste caderno (como o "caderno")

2ª pag Ações comparadas - Setembro 2016

Ação 1 - Bloco de palavras - sinalagem carimbagem - alfabeto - logo atelier - selo - dos signos



3º Bloco de palavras Outubro Nov-Dez

Journal: Raio X do atelier

caderno de artista

carimbo

identidade - repetição
da apresentação

ir até os mitos

Cadeira

(os 4 pés da cadeira)

1º pé - projeto cateterno OK 2º pé jornal OK

3º " - anais lançados na Bienal 2018

(2015-16-17-18)

4º " Individual

Perguntas ao signo: Quem é o pai e a mãe?
onde nasceu? p/ mercado ou museu? para q.?

Toda criação pressupõe um plano e o
só precisa estar preparado. Segundo Deleuze;
tem 2 características: 1) um conceito sempre
se remete a outro - 2) há pedaços vindos
de outros conceitos e planos (aberto a todas
possibilidades)

Conceito não é uma proposição designativa,
não é medido pelo seu grau de referência
mas pelos componentes q. o integram.

Todo conceito é complexo

Todo conceito é o contorno, é constelação

Reunião de estudos em 7/11/16.

Cartografuras (Novembro) sobre tidos.
nome livro, autor, editor.

Apresentação: 1 signo mestre.

1) cena p/ Bart -

fascículos (subdivisão dos Anais)

- 1) Atelier espaço anfiteatro (brindes)
- 2) Trajetória II - mesa de trabalho
sólitos do atelier.

3) filme s/ " - Instituto

4) 1-bloco: lenda pessoal

Arte pública - escola pública (oficina exp^o st^o)

5) Adendo - Parcerias

espaços 1-2-3-4 ::

itinerâncias p/ as Américas, circunstâncias - mapa do bairro

Atelier aberto: 1 projeto montado - (pragm)
cena ou exp^o

Registros - Memória - Cidadania - Anais
2013 - 2014 (escanear pag, por num DVD)

2015 - 2016

Espaço 2 - Encontros, filme + arte
móvel - Nacla - Oficina expositiva -
histórico.

Espaço 3 - Arte BA shoppings c/ todas
as irradiações

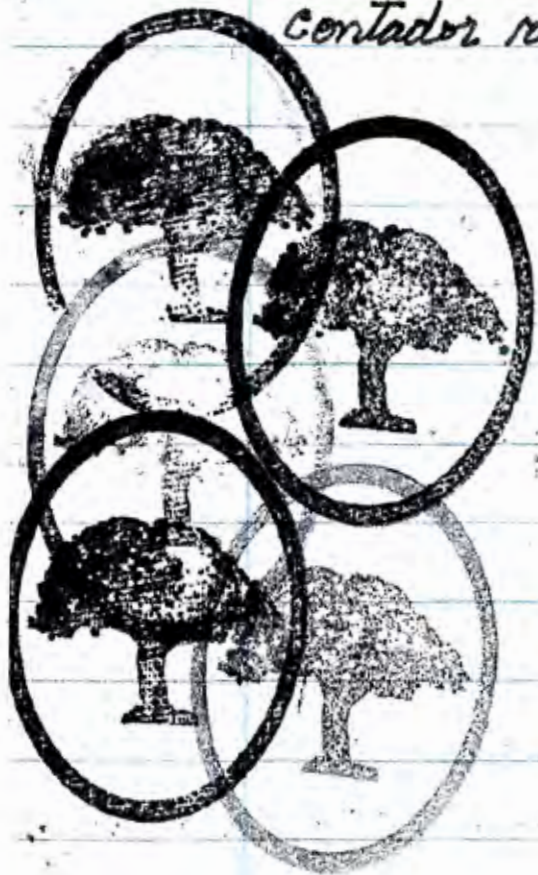
Espaço 4 - 1^o caderno } falta a exp^o
2^o suplementário }
sendas, caminhos
3^o ?

2018 Identidades / 1^o ações compara-
das

- 1^o - Atelier Aberto - Trajetória I e II
espaço anfiteatro (caderno de receitas)
- 2^o - caderno conduta - Anais (2014 e 15)
capa de revista
- 3^o - Cartografuras
- 4^o - Publicações - OK
- 5^o - Jornal - OK
- 6^o - site fazer as janelas
- 7^o - Um olhar fotografado 100 dias no bairro
- 8^o - Cena de Nacla (Facito = foto p/ ampliac^o)

- no 9. Veículo 8 impresso OK
- no 10. Cena da Arte BA
- no 11. Arte Móvel (Oficina expositiva OK)
- no 12. Reserva técnica - obras separadas, livro de Atas: série - título - medidas, data, técnica - observação (exp, docs)
- no 13. Instituto - tombam/v. material necessário
- no 14. Arte pública - livro individual - livro Arte atividade

V. Docs necessários p/ Oscip (advogado e contador recebem em obras)



2^o Reunião de estudos em 5/12/16 -

P/2017 1) Representação simbólica (Talestra) + lenda pessoal + bloco de galerias + veículo 8

2. Anais - 1 caderno novo, classudo (vestir-se p/ cerimônia) 2017/18
1 caderneta " "
1 punho p/ embrulhar - los
Regra: não explicar.

2. Anais - caderno de registro e fundam/ do campo iconográfico (como se fosse um: pré Natal e informações do médico, fotos do Pré Natal.

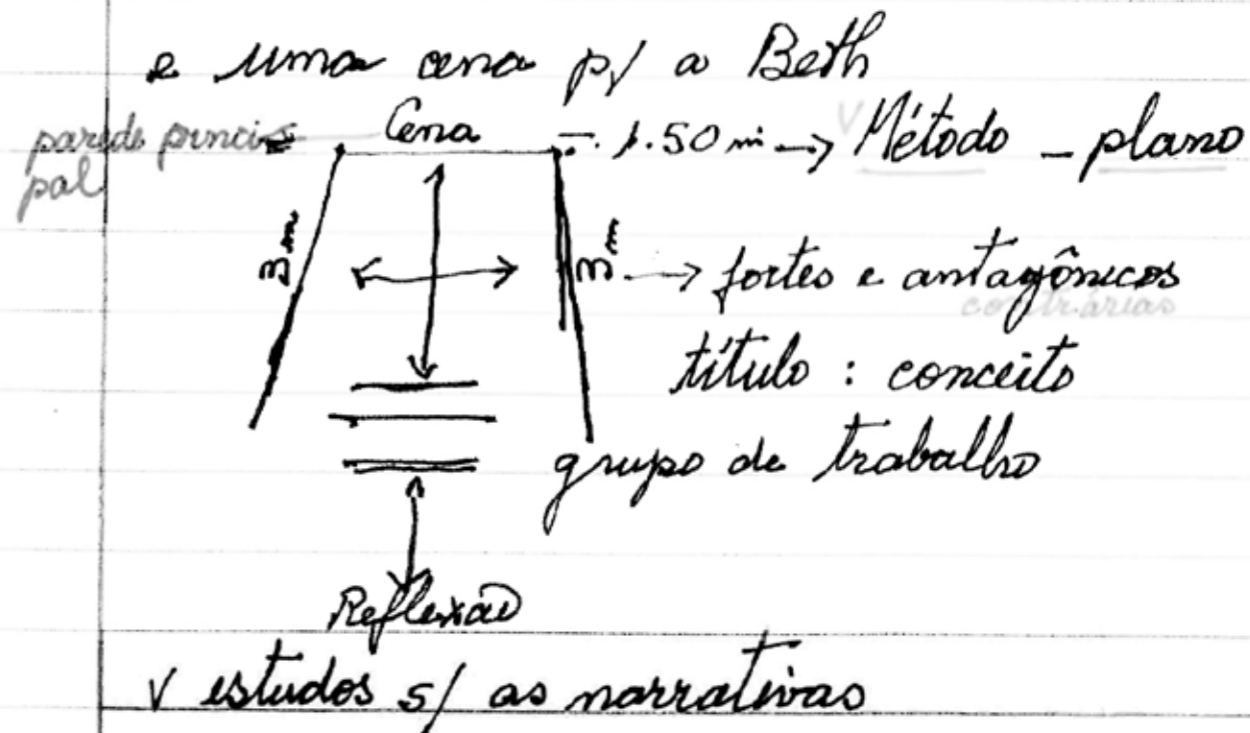
3. Olhar as 8 salas: objetos, telas, folhas da signagem - signes - Instalações, anunciando, indicando o projeto futuro p/ 2018, lenda pessoal, e sua pesquisa + 1 projeto e/ seus estudos e reflexão para estar impresso até 30 de Março, c/ desenho das peças nos Anais

- 4) Adesivos: Máximo de larg 35x 50cm
 Montar a cena - 1 kit c/ adesivos já montados
 Tirar fotos das sequências, xerox em
 fichas. 4 tipos de elem - 4 formas recortadas
- 5) jornal

Hoje, 5/01/16 encerramos 1 ciclo: estrutura iconográfica

Iniciamos o Universo simbólico
 Campo

- 1) Olhar as 8 salas: Objetos, telas, folhas de sinalagem, signos, Instalação, Anunciação indicando 1 projeto futuro (2018)
 - 2) Lenda pessoal c/ pesquisas e desenhos das peças (nos anais). A expô deverá ter rima estética - e uma única ação exposta
- v segredo fem ou masc.?
)) é o desafio: (colocar indúcias; o suspense deve estar disfarçado, enigmas a resolver



v Narratologia

v Destinação

v Da sedução de Jean Baudrillard na Estante virtual

Da Cena p/ 2018 saem as Cartografias



Handwritten text on a small white label, possibly a library or archival tag, with some illegible markings.

2015



Encontro das 2^{as}. 6/4/15

Novo ciclo - novo tempo.

Árvore símbolo da vida em perpétua evolução cósmica; morte e regeneração. Sobretudo as frondes das evocam um ciclo, pois se despojam e tornam a recobrir-se de folhas ao dos ^{os} anos.



A abundância, mas fendas do povo, de pais-árvores e de mães árvores, condus e árvores-ancestrais cuja imagem, despojada pouco a pouco de seu contexto mítico, terminará por ser em nossos dias a árvore genealógica.



2
Reflexão I ação ou resultado de refletir, o mesmo corpo em várias situações.

v processo - indícios, o histórico, tudo q. é necessário p/ conseguir meu desejo

Semifóros (q. Semium) deu origem a somáforo, sinal q. dá uma ordem a outro (código de comunicação).

Trabalhar o Mito fundador v

totalidade reconstruída v
reconstituída v

v crítica desse tempo - autocrítica - auto avaliação.

v Conflito v dissimulação e simulação

A essência está só numa palavra

Com muita signagem pensar 1 cena, 1 Instalação e 1 bloco de palavras colocadas sobre tudo discutido hoje (6/4/15) (1.000 imagens?)

v Trepto particularizado: A arte ativista e intervencionista, berço dos movim/ atuais

v ver mais 4^{as} no face book (4/2/15)

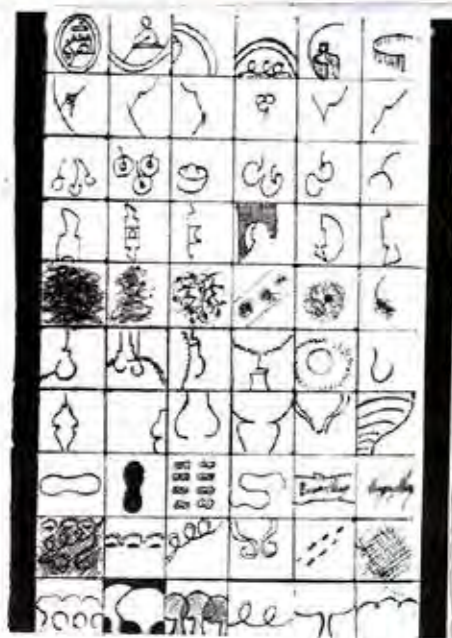
v Conflito entre a cultura e o comércio

v Portaria entrada, acesso - chave: deixar em mãos passar

Ter as matrizes de painéis, enroltas em papel vegetal e numeradas :1) a cereja e a Arquilha, 2 tamanhos e vestígios vermelhos na casa d'avo (papel manufaturado)

- 1) linha do tempo (painéis) ... o.k ✓
- 2) linha de produção - OK ✓
- 3) fechar 10 gravuras digitais, série do réculo I
- 4) Signagem, 7 signos - carimbagem (protocolos)

fechar :1) O nome não dado (sequinte) -
 2) Navegador + lâminas Libelinas -
 3) Catêno
 4) Convívium a parte - selo, arte postal
 reduzir o texto e dar nome ao projeto individual



Mito fundador

Terra q. a humanidade acalenta desde seus mais terras anos ... (pag 72 caderno de encontros das 2^{as} p.)

Em todos os povos, um conjunto de ideias arcanas "arche" faz-se presente nas representações culturais dos indivíduos, especialmente na prosa e poesia, ou transcrições orais q. passam de geração a geração. Esses antigos mitos comuns a povos dispersos exprimem eventos traumáticos q. se sucederam no início dos tempos. O mito de origem, em numerosos casos, os momentos iniciais da criação do mundo; para contar a seguir a genealogia da família real, ou a história tribal ou a origem das enfermidades e assim por diante; os mitos de origem prolongam e completam o mito cosmogônico.

A origem de uma coisa corresponde a criação dessa coisa (Mircea Eliade em Mito e Realidade)

- Mitos fundadores:
1. Criação do mundo
 2. " do homem e da mulher
 3. Pecado original
 4. Dilúvio de Gilgamesh
 5. Epopeia de Gilgamesh
 6. Metales do mundo: a de ouro, de prata, bronze, ferro e a dos Fleróis



(rumoradecoisas.blogspot.com.br/2005/11/mitos-fundadores.html)

Crítica e auto-crítica (Schopenhauer)

Assim como o homem carrega o peso do próprio corpo sem o sentir, mas sente o de qualquer outro corpo q. quer mover, também não nota os próprios defeitos e vícios, mas só o dos outros! Entretanto, cada um tem no seu próximo um espelho, no qual vê claramente os próprios vícios, defeitos, maus hábitos e repugnâncias de todo tipo. Porém, na maioria das vezes, faz como cão: q. ladra diante do espelho por não saber q. se vê a si mesmo, crendo ver outro cão.

Quem critica os outros, trabalha em prol da sua própria melhoria. Portanto quem tem a inclinação e o hábito de submeter secretamente a conduta dos outros, e em geral também as suas ações e omissões a uma atenta e severa crítica, trabalha na verdade em prol da própria melhoria e do próprio aperfeiçoamento, pois possui o suficiente de justiça, ou de orgulho e vaidade para evitar o q. amiúde censura a/ tanto rigor.

(www.citador.pt/textos/critica-r-autocritica-arthur-schopenhauer)



6
Conceito - (lat conceptum) Pensamento/ideia - em sentido geral, é uma noção abstrata, do ponto de vista lógico é caracterizado por sua extensão e compreensão. Para Kant nada mais é q. uma "encruzilhada" de juízos virtuais, um esquema operatorio cujo sentido só possuiremos quando soubermos utilizar a palavra em questão". quanto maior for a compreensão, menor será a extensão, qto maior for a extensão, menor será a extensão compreensão (dicionário de filosofia)

Conflito - A encruzilhada é a imagem do conflito. É o resultado de tensões contrárias internas e externas. Simboliza a possibilidade da passagem de um contrário a outro: independência/servidão, dor/alegria, guerra/paz etc e também incoerência psíquica individual ou coletiva

Contrários - Diferentes, distintos, opostos

Crítica (do gr. kritike) Juízo apreciativo, seja do ponto de vista estético (obra de arte) seja do ponto de vista lógico (raciocínio), seja do ponto de vista intelectual (filosófico ou científico), de uma teoria, de uma experiência ou de uma conduta. - Na filosofia, a crítica possui o sentido de análise. Assim, a filosofia designa o pensam/ de Kant e de seus sucessores. Suas 3 obras principais:

- 1) Crítica da razão pura (2) Crítica da razão prática
 3) Crítica do juízo. Nessas obras, a palavra "prática" tem o sentido de "exame de valor": criticismo

Essência (do lat. essentia) É o ser mesmo das coisas, aquilo q. a coisa é. Platão distingue um mundo invisível, permanente e sempre idêntico a si mesmo (mundo das essências) e um mundo visível e fluído (o mundo sensível). Na filosofia contemporânea a essência não define nem revela a natureza do homem. Porque ele, ao vir a ser, não possui essência, apenas uma condição, uma situação: "a essência do ser aí (Dasein) consiste apenas em sua existência (Heidegger) i. é o homem mesmo quem produz aquilo q. ele lê, aquilo q. é capaz de fazer de si mesmo. A existência precede a essência (Sartre). O termo essencial significa algo diretamente ligado à essência e opõe-se à "acidental", adquire o sentido de "muito importante", de "fundamental", ex o essencial é a saúde.

Reflexão (do lat. Reflexivo) 1. Em um sentido amplo, tomada de consciência, exame, análise dos fundamentos das razões de algo. 2. Ação de introspecção pela qual o pensam/volta-se s/ si mesmo, investiga a si mesmo, examinando a natureza de sua própria atividade e estabelecendo os princípios q. a fundamentam. Caracteriza assim a consciência crítica, i. é, na medida em q. examina sua própria constituição, seus próprios pressupostos. A consciência reflexiva torna a consciência refletida como seu "objeto" (Sartre) (dicionário de filosofia)

06/04/15 - segunda-feira - encontros LPy

REFLEXÃO - PALAVRA CHAVE

Era do Acesso - pgs 6/7/218 - Fichas

Palavras Semióforos Construção da Mitologia pessoal - (lenda pessoal) mito fundador

Totalidade reconstituída - crítica - autocrítica - auto avaliação.

Conceito de reflexão - da essência - epistemologia (crítica do acontecimento)

- palavras - conflito - dissimulação - simulação

- reflexão - (crítica)

O inesperado - o imprevisível

Texto lido - Isabel Matos Dias - Seminário 2008 - Museu do Vale

"... há todo um trabalho a fazer nos sentidos e no corpo, para que não se feche o que já conhecem e se abram no inesperado e no imprevisível.

- "trata-se de desaprender o aprendido para reaprender..."

- "...O mercado da arte é importante para fazer avançar o trabalho da artista..."

- "...cientes da importância da visibilidade nos dias de hoje, os artistas aparecem porque sabem da confusão que se gerou entre a existência e a visibilidade realidade..."

- só existe e se reconhece o que se vê e quem se vê. Vivemos uma cidade de espetáculo...

- A arte é este rastro vivo que não desaparece... é preciso que deixe vestígio...

"A arte é este rastro isso que não desaparece, apenas se torna vestígio, resto, p/ próprio artista e para o espectador.

É um processo sem começo nem fim - uma gênese contínua que despara e incessantemente a continuar ad infinitum..."

questões

Simulação - "fingir" ter o que não se tem - ausência

"fingir" quanto representação - apresentação

Dissimulação - "fingir" não ter o que se tem -

o que está no jogo - (ocultar a verdade/o fato) - o que tem

Ocultar a presença ou a ausência

Cena - Instalação - objetos

.. o que estará oculto

.. o que se tem (por quê)

.. o que não se tem

preço 7

Novo ciclo / Novo tempo

1. Passo a passo organizar as imagens escolhidas: fragm/ dos filmes, vídeos, representação simbólica, tudo sobre o assunto
2. trabalhar c/ o mito fundador, c/ totalidade reconstruída auto-crítica - auto-avaliação
4. Com a signagem, pensar uma cena, uma Instalação
5. e um Projeto particularizado c/ arte-ativista e intervir nas 4^{as} p.: "O conflito entre a cultura e o comércio" e (da BART). - Dentro do campo universal, "meu campo fotos do atelier q. conformem e justifiquem + 10 gravura

Pesquisar o Semióforos (do gr. Semium) deu origem a Semia um código de comunicação - 2) inesperado - que surge visto, inadvertido, q. não se pode prever. 4- Reconstituída: Reorganizada - restaurada - restabelecida



materiais utilizados, tecidos, p. retratos, signagens, carimbos, peças de teatro, de minha paixão e reconstituída - 3- Refletir c/ ação e crítica - crítica desse tempo -

e um bloco de palavras c/ tudo q. foi falado nesse encontro cionista, berço dos movimentos atuais - 6 - No face book ver a "Era do acesso" de G Rifkin - 7- Projeto "Um olhar fotografado de trabalho: Vermelhos colhidos" + "Protocolos" q. o justifique + dos protocolos (série Os guarda-dores)

foro: sinal q. dá uma ordem, um recado a ser obedecido preende, imopinado, súbito 3) imprevisível: impre- tuída - Reedificada - renovada - reformada - 5) Recons- 6) Contrários: diferentes, distintos, opostos





Continuidade – II

Conduta – contínua con-com – estar com /outro

conduzir – família duto (espaço oco/cano)

condição

conotação – o que está em mim – “meu olhar”

conduída – olhar generoso – paciência – amor – tolerância

condutor – fio de tese – “motorista” – condutor de bonde

– que tem um trilho no trajeto

conduz – dirige – leva adiante – de um ponto a outro

fio condutor – (na tecelagem é o fio que dá o nó)

“A continuidade é o fecundo contubérnio ou se se quer, a coabitação do passado com o futuro e é única maneira de não ser reacionário” pg. 14 Ortega y Gasset – A teoria do teatro ✓

Arte e existência – Jornal ABCA 4ª – 7 set de 2004 Floriano Martins – ABCA – CE – sobre Juan Calja (1931) representante da Venezuela na 26ª Bienal de SP ✓

“... veio à tona uma vez mais a convicção de que a criação resiste ainda e resistirá sempre desde que haja a consciência de indispensabilidade de uma voz própria, exigindo de si, com atrevimento e agudeza crítica, um estado permanente de reflexão sobre a linguagem e seus motivos”

“...não se chega à definição de uma voz própria sem uma essencial exigência consigo mesmo, sem aquele natural rigor que faz com que o poeta e o artista enfrontem-se em um curso abissal, buscando a reflexão de suas formas e o corpo ideal de suas idéias.”

Atenção – reflexo – ser o mesmo **re** invertido



II Continuidade – palavra chave

Ortega y Gasset – A idéia do teatro – Editora Perspectiva 1978

Palavra chaves

- escolher/ fazer/continuidade/conduta / “ao esquema”/realidade/circunstância/ “aqui e agora”

Pag 48 – “ Ao sair daqui, dentro de alguns minutos, à porta de O século, cada um de vocês, queira ou não terá de decidir por si e ante si a direção que dará na rua o primeiro passo. Mas como diz o vetustíssimo livro indiano, “onde quer que o homem ponha o pé, pisa sempre em sendas”. – Todo ponto do espaço e todo instante de tempo é para o homem, encruzilhada, é não saber bem o que fazer. Por isso mesmo, é ter que decidir-se e, para tanto, escolher. – Mas porque a vida é perplexidade e é ter que escolher nosso fazer, isso nos obriga a compreender, isto é, a tomar de fato a nosso cargo a circunstância. – Daí nascem os saberes todos – a ciência, a filosofia, a “experiência de vida”, o saber vital que costumamos chamar prudência e sagesse – Estamos consignados a esta circunstância, somos prisioneiros dela. –

-A vida é uma prisão na realidade circunstancial. O homem pode privar-se da vida, mas se vive – repito – não pode escolher o mundo em que vive – Este é sempre o do aqui e agora – para sustentar-nos nele temos que estar fazendo sempre algo – Daí provem os inumeráveis fazeres do homem – Porque a vida, senhores dá muito o que fazer. E assim o homem faz comida, faz seu ofício, faz casas, ...faz ciência, faz paciência, isto é, espera que é “fazer tempo”... faz política, faz que faz –

A vida é um onímodo fazer.– pag 49

E todo ele em luta com as circunstâncias e porque está prisioneiro em um mundo que não pode escolher. – Este caráter que tudo quanto nos rodeia tem o de ser-nos imposto, queiramos ou não, é o que chamamos – “realidade”

Por isso respondeu Baudelaire – quando perguntado onde preferia viver – ele respondeu –pg 50

“... vivo em qualquer parte, em qualquer parte, contanto que seja fora do mundo”...

...Baudelaire queria dizer: “ que o homem precisa de quando em quando, evadir-se do mundo da realidade, que necessita escapar...para um outro mundo...qual mundo seria, sempre um mundo de instantes no campo do irreal – fora do real –(o mundo da representação) – poderia ser o da religião, (jogo) etc...referência possível ao mundo “criado” para sair do “mundo real””

“ _ ” Para que haja outro mundo ao qual valesse a pena ir-se, seria preciso, antes de tudo, que esse mundo não fosse real, que fosse num mundo irreal.

Shopping/ casinos, (os espaços de distração – compras/ jogo/danças – eliminam a realidade (como tempo/paisagem etc – criam atmosfera paralela)

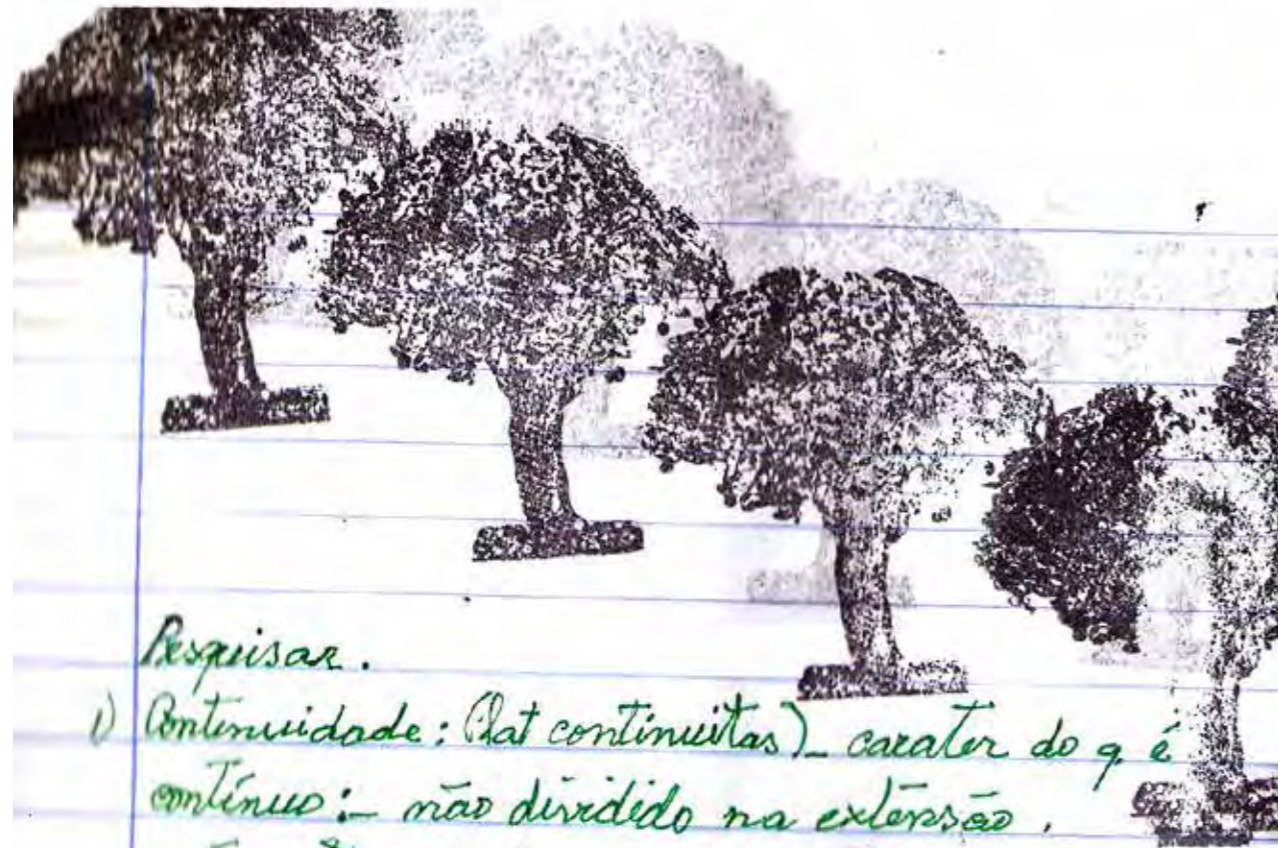
Seria efetivamente suspender a vida, deixar por um momento de viver, descansar do peso da existência, sentir-se aéreo, etéreo, sem gravidade, invulnerável, irresponsável...

In-existente

Distrair-se – diversão

“Este trazer-se da vida real para uma irreal, imaginária, fantasmagórica é distrair-se – dis-trair-se –(a Grécia introduziu os jogos/cultura)

(jogo de palavras no texto original intraduzível – traerse e dis-traerse cuja raiz latina comum é trahere) – teatro vem desta raiz.

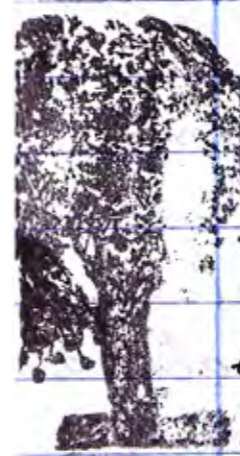


Resquisar.

- 1) Continuidade: (lat. *continuitas*) - caráter do q. é contínuo: - não dividido na extensão, não interrompido na duração.
- 2) Esquema: (gr. *skhema*) plano de uma obra literária, de um projeto, de uma teoria, esboço, sinopse.
- 3) Realidade - (lat. *realitas*) - Existência efetiva - coisa real.
- 4) Circunstância (lat. *circumstantia*) - situação, conjuntura, condição, requisito, motivo
- 5) Aqui e agora (lat. *ecum + hic*) - Neste lugar, neste momento, neste lugar, ocasião



Encontro de estudos em 22/6/15



Dar o nome aos 7 signos:

Partir de uma obra: "fortalecer q. vários" a escolha deve ser o oposto ex. masculino/feminino, há uma alteridade, uma situação - sai da zona de conforto, o outro altera.

perguntar à obra quem vc é? o oposto
p/museu

se a obra é masculina, dar o feminino ou vice-versa (dialética)
Pintura
pequenas cenas

Marca livros: p. retrato (objeto)
Ortega e Gasset: "O homem é continuidade e quando descontinua é q. deixa Transitoriam/de ser, se torna outro, alter, o q. está alterado"

posso marcar 1 gênero ou uma Técnica.
olhar meus signos, procurar recuperar o mais fraco p/ q. não se perca.
Olhar o alter p/ haver a continuidade.

Há um DVD c/ a fala de Ortega e Gasset
 "Partindo de um esquema, marchar
 em rigoroso itinerário: local de onde
 saio e onde pretendo chegar."

Partindo desse plano trazer o dial: sepa-
 ra e o simbol. o alter forma a dialética
 - planta baixa = qual é o território/ter-
 reno (a circunstância é o terreno, gênero
 2º o q. vou fazer? (pré esquema).

Uma vez definido o espaço p. ex: planta
 de um teatro: palco = espaço pequeno e
 plateia grande espaço passivo.

Procoa estendido em Recife após a resposta,
 a realidade. A cada passo q. dá, perguntar: "o q. vc é?"
 se acrescentar algo mais, tornar a perguntar
 o q. vc é? a 2ª reali" mata a 1ª (e assim
 por diante.) p/ formar a "irreali".

Metáfora do pensam/oriental "é da negação"
 "O homem é forte mas mas é um leão
 ocidente: O homem é forte como um leão
 (afirmação falsa) funço subjetivo



Encontro de segundas - Lucia Py - 22 06 2015

O Espaço Expositivo - A - pag. 28/29

... "É, pois, a coisa mesma, a realidade mesma Teatro que vai guiar nossos passos mentais, que vai ser nosso lazarinho (no sentido de menino guia de Lázaro) - Aproveitando este tema, que não parece filosófico, quero dar um exemplo do mais rigoroso método dialético - e ao mesmo tempo fenomenológico".

- "O Teatro é um edifício. Um edifício é um espaço demarcado, isto é, separado do resto do espaço que pertence fora. - A missão da arquitetura é construir, frente "ao fora" do grande espaço planetário, um "dentro". - Ao demarcar o espaço, se dá a este, uma forma interior é esta forma espacial interior que informa, que organiza, os materiais do edifício, numa finalidade - Portanto, na forma interior de um edifício descobrimos qual é em cada caso a sua finalidade. - Por isso a forma interior de uma catedral, é diferente da forma interior de uma estação ferroviária e ambas da forma interior de uma morada - Em cada caso os componentes da forma são assim e não de outro modo, porque servem a uma determinada finalidade (conceito).

- São meios para "isto" ou "aquilo" - Os elementos da forma especial significam, pois, instrumentos, órgãos feitos para funcionar em vista daquele fim, e sua função nos interpreta a forma do edifício. - Como diziam os antigos biólogos, a função faz o órgão - deveriam dizer que também o explica... Assim os materiais inertes - pedra - cimento - ferro, se organizam em determinada figura arquitetônica - que orientam, guiam - O que Aristóteles chamava "alma" ou "alma guia" ou enteleguia.

Teatro espaço dual: dividido em dois (espaço dos atores - palco/ espaço plateia) -

"opostas mas conexas" pag. 31

"Teatro é um edifício que tem uma forma interior orgânica, constituída por dois (2) órgãos - sala e cenário - dispostos para servir a duas (2) funções opostas, mas conexas: o ver e o fazer ver"

É a "dramaturgia" que unirá em um terceiro espaço (irreal) estes dois públicos antagônicos, unidos pelo ver e fazer ver - para ver X para ser visto = a peça - dramaturgia

atores = ativo "para serem vistos"

público = passivo - (sentados) para ver

Reagir - algo de contrariar - de encontrar outro caminho

Pintura X objeto

Instalação X exposição

Olhar - observar - construir

Episódio - parte de um trabalho, parte de uma sequência, de um corpo de trabalho, semelhante a um capítulo de um livro

O que é você?



Teatro – Metáfora visível

- Alter - Alterado

III O Plano – que deixe de alterar-se e consiga ensimesmar-se

A metáfora do teatro

Esquema arquitetônico – Teatro D. Maria – Lisboa

Jose Ortega y Gasset – (1883 – 1965)

A planta baixa (pag. 27)

Ateneo de Madri – Madri – 13 de abril / 4 de maio de 1946

Marchar em rigoroso itinerário dialético – “Pensar dialeticamente” quer dizer, que cada passo mental que damos, nos obriga a dar novo passo; não um qualquer, não assim ao capricho do acaso, mas outro passo determinado, porque o que foi visto por nós no primeiro passo da realidade que nos ocupa - e agora é a realidade **Teatro** – nos descobre, queiramos ou não, outro e novo lado ou componente dela que antes não havíamos percebido.

É preciso que (2) duas realidades mutuamente se neguem, se destruam para que nasça e se produza a irrealidade (uma terceira).

– na metáfora – uma coisa é como outra coisa - é forte como um leão.

Os Vedas, poemas religiosos da Índia – textos mais antigos da humanidade - uma coisa é como outra coisa por negação:

O homem é forte, mas não é um leão.

Tauromaquia –

“a porta gaiola – que é uma sorte portuguesa – a fim de que seu rigor de caricatura se torne veementemente o imperativo de continuidade, de continuação que a todos deva. Continuar, não é ficar no passado nem, enquistar-se, nem sequer enquistar-se no presente, mas movimentar-se, ir mais além, inovar, porém renunciando ao pulo e ao salto, e a partir do nada, muito ao contrário, fincar os calcanhares no passado, descolar-se do presente, e pari passu, um pé após outro afrente, pôr-se em marcha, caminhar, avançar.”

- A continuidade é o fecundo contubérnio ou, se se quer, a coabitação do passado com o futuro, e é a única maneira eficaz de não ser reacionário

Pag 14 Jose Ortega y gasset – A idéia do Teatro – Edit. Perspectiva – 1978



abril

maio

I

II

Reflexão

Continuidade

O inesperado

"uma voz-própria"

O imprevisível

"poder entrar no jogo"
*estabelecer de onde
parto.*

Desaprender o aprendido

"ser o mesmo re invertido"

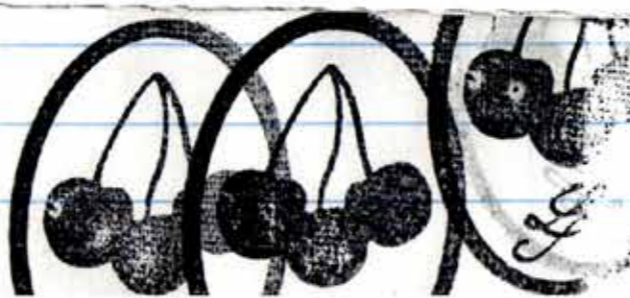
"a exigência consigo mesmo"

Ter uma conduta - duto

Ser um condutor

So U

Ao esquema



22/ junho

6/ julho 2015

III

IV

O Plano

União-Unidade

"marchar em rigoroso

"o liso" - não resta mais

itinerário dialético"

*em constância do Bert
resculo individual
um olhar fotografado*

vestígio de nenhuma origem - é o vazio

a coabitação do passado

com o futuro -

"alterar-se para poder ensimesmar-se"

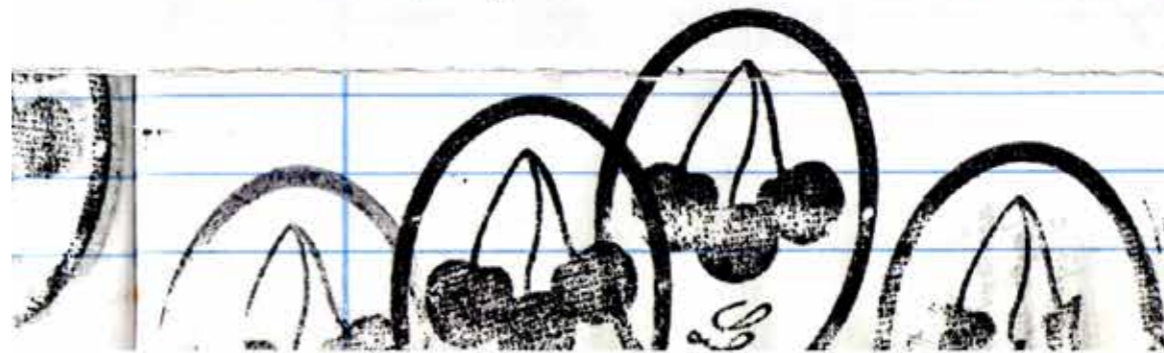
sei da natureza

a mistura

"o liso" - "o vazio" - Michelista

"sua força vem de seu,

vazio, tema michelista



União unidade - palavra-chave

V. Roland Barthes - Michelet - Companhia das Letras - 1991 - (pg 26 - 27)

Palavras chaves - prosa - prosaico - união - unidade

fusão - união - (o que com que) (para que) (quando) (a onde)

abolir o
ou ocho
mundo, obra,
etc

"A prosa é superior, na medida em que é ausência de caracteres individuais, produto de uma fusão e não de uma coleção: no rei medieval, na França central, todas as costuras são apagadas -- não resta mais vestígios de nenhuma origem: de nenhum traçado -- não resta mais individualidade, -- é o vazio -- portanto o liso perfeito. (vazio enquanto ausência de individualidade) (de rugas)

Sendo a prosa, produto de um apagamento --- cumpre dar a esse apagamento um nome moral: --- é a unidade.

cafe e leite

A unidade tem um duplo imperfeito; a união. (união enquanto duplo imperfeito de unidade)

A união é um estado inferior porque não faz mais que compor elementos positivos que ela pode harmonizar, mas não abolir.

A unidade lhe é superior, na medida em que destrói a própria memória das individualidades componentes e faz surgir em seu lugar --
-- uma forma de ausência - onde tudo é de novo possível, oferecido à incubação do calor cordial:-- é a liberdade.

A história não deixou de apresentar numerosos fatos de união - Estados uniram-se, raças harmonizaram-se...

A ação - a mistura - transformismo - constância (pa 28)

fonte de Barthes
- fatos q. se repetem -

---"Eis, portanto, o homogêneo de Michelet, provido de um meio de fabricação bem preciso - a mistura" ... Jules Michelet - 1798/1874

R. Barthes

Concerto Mor (Vico)

(1981 e outros)

... "O jovem Michelet havia herdado dois esquemas: a história - a planta (Herdes) e a história - espiral" (Vico)

Roland Barthes - Michelet - Companhia das Letras - 1991

- "...eu sou um homem completo lendo os dois sexos no espírito "Michelet" - na ilha brava

acrescentou a imagem de história-síntese" - derivada da química e do transformismo nascente - "imagens decisivas pois permitiu a Michelet escolher o homogêneo, como um ato e não um estado ("substituiu a imagem de um universo verificado e composto (Newton) pela de um universo que é contínuo porque não cessa de se fazer") - um novo esquema - o da constância.

como fazer e refazer - m. casa de repa. vir - saopaulo

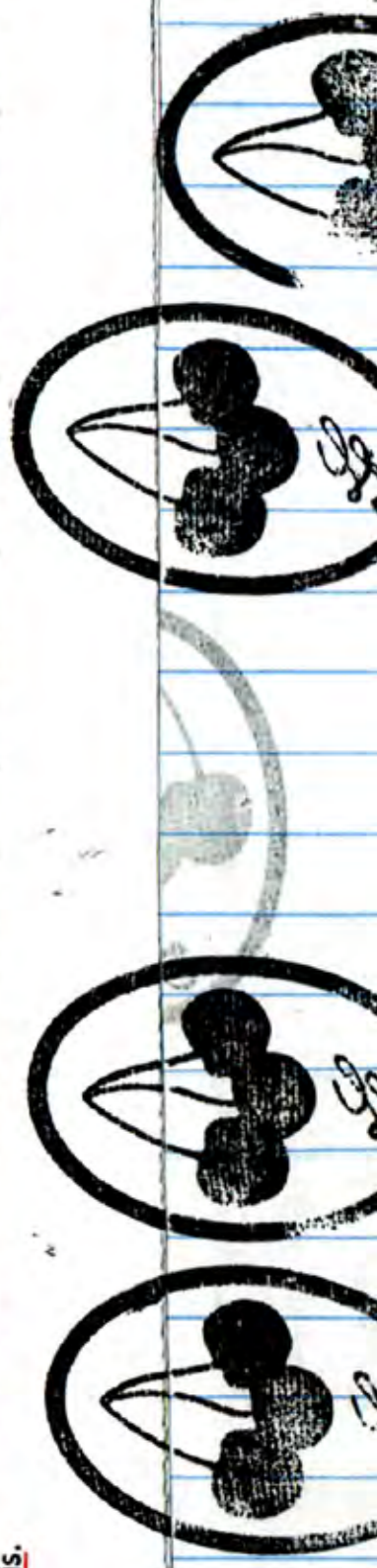
...(pg29) "Michelet não podia encontrar melhor linguagem para seu projeto de plenitude do que essa exposição lisa das formas, fundidas umas nas outras, progredindo lentamente de equação em equação (sentença que coloca algumas premissas para chegar a um resultado efetivo) - incógnita - de modo que o termo final fosse em suma - uma espécie de metáfora inicial - que não houvesse mais diferença essencial entre os seres e os objetos, os reinos da natureza e as idéias morais" -----

(pg 25) ... Coloca-se o grande tema michelista - o de um mundo sem costura -

- mundo liso - (sem rugas/costuras/dobras)

... "sua força vem de seu vazio, entenda-se de seu "liso" - dessa espécie de estado superior em que mil forças, mil hereditariedades anulam-se umas às outras, emanando da casualidade uma insignificância geral e deletável" ...

... "a idealidade: possuem a plenitude superior, a do inumerável, são neutros e lisos como um espaço vazio, e a exemplo de certos animais apresentam uma verdadeira aptidão para a homonomia, para plasticidade infinita dos caracteres superficiais.



...É, pois, a coisa mesma, a realidade mesma Teatro que vai guiar nossos passos mentais, que vai ser nosso lazarilho (no sentido de menino guia de Lázaro) - Aproveitando este tema, que não parece filosófico, quero dar um exemplo do mais rigoroso método dialético - e ao mesmo tempo fenomenológico".

- "O Teatro é um edifício. Um edifício é um espaço demarcado, isto é, separado do resto do espaço que pertence fora.- A missão da arquitetura é construir, frente "ao fora" do grande espaço planetário, um "dentro". - Ao demarcar o espaço, se dá a este, uma forma interior é esta forma espacial interior que informa, que organiza, os materiais do edifício, numa finalidade - Portanto, na forma interior de um edifício descobrimos qual é em cada caso a sua finalidade. - Por isso a forma interior de uma catedral, é diferente da forma interior de uma estação ferroviária e ambas da forma interior de uma morada - Em cada caso os componentes da forma são assim e não de outro modo, porque servem a uma determinada finalidade (conceito).

- São meios para "isto" ou "aquilo" - Os elementos da forma especial significam, pois, instrumentos, órgãos feitos para funcionar em vista daquele fim, e sua função nos interpreta a forma do edifício. - Como diziam os antigos biólogos, a função faz o órgão - deveriam dizer que também o explica... Assim os materiais inertes - pedra - cimento - ferro, se organizam em determinada figura arquitetônica - que orientam, guiam - O que Aristóteles chamava "alma" ou "alma guia" ou entelequia. **ENTELEQUIA**

Teatro espaço dual: dividido em dois (espaço dos atores - palco/ espaço plateia) -

"opostas mas conexas" pag. 31

"Teatro é um edifício que tem uma forma interior orgânica, constituída por dois (2) órgãos - sala e cenário - dispostos para servir a duas (2) funções opostas, mas conexas: o ver e o fazer ver"

É a "dramaturgia" que unirá em um terceiro espaço (irreal) estes dois públicos antagonicos, unidos pelo ver e fazer ver ---- para ver X para ser visto = a peça - dramaturgia

atores = ativo "para serem vistos"

público = passivo - (sentados) para ver

Reagir - algo de contrariar - de encontrar outro caminho

Pintura X objeto

Instalação X exposição



Olhar - observar - construir

Episódio - parte de um trabalho, parte de uma sequência, de um corpo de trabalho

O que é você?

semelhante a um capítulo de um livro

Teatro - Metáfora visível

- Alter - Alterado

III O Plano - que deixe de alterar-se e consiga ensimesmar-se

A metáfora do teatro

Esquema arquitetônico - Teatro D. Maria - Lisboa

Jose Ortega y Gasset - (1883 - 1965)

A planta baixa (pag. 27)

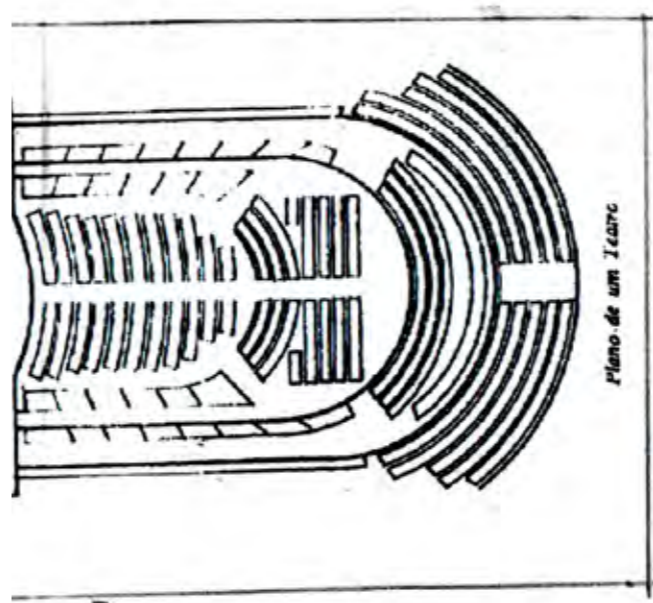
Ateneo de Madri - Madri - 13 de abril / 4 de maio de 1946

Marchar em rigoroso itinerário dialético - "Pensar dialeticamente" quer dizer, que cada passo mental que damos, nos obriga a dar novo passo; não um qualquer, não assim ao capricho do acaso, mas outro passo determinado, porque o que foi visto por nós no primeiro passo da realidade que nos ocupa - e agora é a realidade Teatro - nos descobre, queiramos ou não, outro e novo lado ou componente dela que antes não havíamos percebido. (pg 28)

É preciso que (2) duas realidades mutuamente se neguem, se destruam para que nasça e se produza a irrealidade (uma terceira).

- na metáfora - uma coisa é como outra coisa - é forte como um leão.

Os Vedas, poemas religiosos da Índia - textos mais antigos da humanidade - uma coisa é como outra coisa por negação:



O homem é forte, mas não é um leão.

Tauromaquia -

"a porta gaiola - que é uma sorte portuguesa - a fim de que seu rigor de caricatura simbolize veementemente o imperativo de continuidade, de continuação que a todos devia unir-nos. Continuar, não é ficar no passado nem, enquistar-se, nem sequer enquistar-se no presente, mas movimentar-se, ir mais além, inovar, porém renunciando ao pulo e ao salto, e a partir do nada, muito ao contrário, fincar os calcanhares no passado, descolar-se do presente, e pari passu, um pé após outro a frente, pôr-se em marcha, caminhar, avançar.

- A continuidade é o fecundo contubérnio ou, se se quer, a coabitação do passado com o futuro, e é a única maneira eficaz de não ser reacionário

Pag 14 Jose Ortega y Gasset - A idéia do Teatro - Edit. Perspectiva - 1978

- "O homem é continuidade, e quando descontinua e na medida em que descontinua é que deixa transitoriamente de ser homem - renuncia a ser ele mesmo e se torna outro - alter - o que está alterado".

Palavras chave Pg 19

União - (lat unio, unionis) - ligação, junção, ato ou efeito de unir, junção contata, coesão, unidade, aliança, liga, enlace, consórcio

Unidade - (lat unitas, unitatis) - O mº 1 - qualidade de q. é um ou único homogeneidade, uniformidade, igualdade, união, cada 1 dos objetos de uma série.

Prosa - (lat prosa) 1. forma ordinária do discurso escrito ou falado

lado, conversa informal

Prosaico - (do lat. tard. prosaico) Relativo ou pertencente à prosa, q. é comum, vulgar, rasteiro, q. não tem poesia

Fusão - (do lat fusio) Passagem de 1 corpo do estado sólido, p/ o líquido, ação de misturar, de fundir, reunir, combinar, aliança

Homogeneo - (do gr. homos, igual + genes) 1. igual, análogo, assemelhar - se corpo cuja composição e estrutura são as mesmas em todos os pontos

Constância - (do lat constantia) Frequência, habitualidade, perseverança, persistência, firmeza, q. não varia, contínuo,

vazio - (do lat vacuus) Que nada contém, q. só contém ar, desocupado, despojado, desabitado, falta, destituído, ausência

Incógnita - O q. é desconhecido e se procura saber, ignoto, em matemática, nome dado à variável ou variáveis de equações q. se procura saber.

Mistura - (do lat mixtura) - resultado da ação de misturar (se), cruzamento, união: mistura de raças - reunião de coisas diversas, embaralhar



Fase 2 (4 próximos encontros)

Parábola I - O enunciado de um entardecer

Palavra chave - Prudência, no Renascimento ^(livrucci) era representada p/ uma figura de 3 rostos: idoso, adulto, criança, as 3 fases da cronologia ^{foverni} deram se dominadas p/ garantir a eficácia da ação. Em cada sala poema de 1 verso c/ drama, dores, dems

"O voo da coruja"

cada sala
1 verso de 1
poema

salas

c/ nome

- 1 - Partir de expô já feita: Capela.
- 2 -
- 3 -
- 4 -

Em início de 2016 cada artista terá 1 indício

Conceito Poe - { de Agosto a Dezembro
Janeiro/fevereiro/Março de
Abril 2016 1 expô Museu
↓
1 parca de q/pe

Estamos construindo o Aresso
preparar os Anais (cadernos - cadernos)

Glosario

1º passo - localizar o centro (Michelot 2: sevar no espírito)
Ulhar: 1º o gênero do signo (v. banquete de Platon 4 generos)

Classificar o signo p/ gênero - sintetizar sua história em 4 ou 5 linhas (1 frase)

Constância é a repetição do q. consta
Cada signo tem q. se transformar em outro e voltar ao q. era (uma trajetória)

Enunciado - (lat enunciato) - Proposição, exposição; declaração - conj: das condições a q. devem submeter-se as incógnitas de um problema - declaração - proposição - exposto (p/ fala) por palavras ou por escrito - exposto

Voo - Movimento no ar, em conjunto, de grupos (lat volare) de aves ou insetos - modo de locomoção ativa em q. um veículo se desloca na atmosfera - percurso coberto por uma aeronave no ar - a própria aeronave - elevação do pensam/ - extase, arrebatam/

Centro (gr Kentron - p/ lat centrum)

Meio - Um dos 4 símbolos fundamentais (segundo CHAS, 22) juntam/ c/ o círculo, a cruz e o quadrado. O centro é antes de mais nada o Princípio, o Real absoluto; o centro dos centros não pode ser senão Deus. Seria impossível não lembrar aqui Pascal, quando cita Hermes Trismegisto: Deus é uma esfera cujo centro está em toda parte e cuja circunferência não está em parte alguma...

É no centro do mundo q se eleva a Árvore da vida. Muitas vezes, o centro do mundo é figurado por uma elevação: montanha, colina, árvore, ônfalo, pedra. Esse centro, embora seja único no céu, não o é na terra. Cada povo, cada indivíduo - possui um centro do mundo próprio: seu ponto de vista, seu ponto magnético. O centro é chamado de umbigo da Terra. É do centro q provem a vida

(dicionário dos símbolos)

Prudência



Realizado em meados da década de 1560, a "Alegria da Prudência" é um dos últimos trabalhos de Ticiano. A pintura representa as 3 idades do homem: juventude, maturidade e velhice. Trata-se de uma alegoria do tempo governado pela prudência, na qual Ticiano representa a si mesmo, seu

filho Drazio e, possivelmente, seu sobrinho Marco. Abaixo de suas cabeças são representados, respectivamente, um lobo, um leão e um cão simbolizando o passado, o presente e o futuro. Acima do quadro há uma inscrição, cujo significado, segundo Pevorsky (2007, p. 195), é "da experiência do passado, o presente age prudentemente para não estrogar a ação futura". O rosto de Ticiano, na esquerda, está imerso em uma sombra, de onde ele parece recordar o passado, ao passo q. o jovem Marco está iluminado. Entre os dois, Drazio tem parte de seu rosto iluminada e parte

na escuridão. Segundo Kennedy (2006, p. 90)
 "o quadro pode ser uma espécie de Testam^o artístico, expressando a esperança de q. seus entes queridos possam se beneficiar deste legado."

Google: Tópicos em História da Arte - escritos e leituras sobre arte e artistas

Prudência - (do lat. prudentia) - moderação, comedim^o - cautela, precaução, circunspeção, serenidade, circumspecto

Parábola - (do gr. parabolé) gênero literário q. consiste em uma narração alegórica cujas imagens, tiradas do cotidiano permitem ressaltar um aspecto da doutrina - narração alegórica, comparação q. serve de véu a uma verdade - exprimir-se de forma velada -

Coruja - voa quando a maioria já foi dormir. Animal símbolo da filosofia por se tratar de 1 ave q. alça vôo quando o dia já se foi - pensamos o mundo quando os fatos já se sucederam. A coruja tem a capacidade de girar a cabeça num ângulo de 360°, vendo o mundo a partir de ângulos invariáveis para outros seres, para se orientar através da audição, absorvem os sons através do disco facial e graças à disposição assimétrica dos ouvidos, um voltado p/ cima e outro p/ baixo identificam de onde vem o som

(<http://div.com/p/14/div>)

Avatar - As diversas encarnações dos deuses na Índia. (dic. dos símbolos) - Ave noturna relacionada q. a lua - símbolo do conhecim^o racional - simboliza a reflexão q. domina as trevas - ela é um avatar da noite, da chuva, das tempestades - em nossos dias a coruja é a divindade da morte e a guardiã dos cemitérios.

INSCRIÇÃO

Poiesis – Práxis – Inscrever-se – Poiesis contemporânea – Por uma geografia nova

Livro – Seminário – Museu do Vale – 2008

Para que poetas em tempos indigentes?

Friederich Holderlin (1770 – 1843) – poeta alemão que pensou o mundo (e não sobre o mundo) – na lenda de seus versos encontra-se bastante subministro pensante – (assim interpretado por Martin Heidigger) V. pag 76 caderno de 2008 até pg 80

Práxis – ação de aplicar na prática uma teoria política (polis – valor de espaço público) artística, social, etc – contribuindo para mudar as relações entre pessoas e grupos

Projeto – Convivium - projeto Atos Paralelos II

“A verdadeira práxis coletiva, que não é uniforme e é tanto mais rica quanto mais diferentes são os pontos de vista, quanto mais diferentes somos, mais rica é a nossa produção em comum, porque num debate mais amplo, se instala, ainda que a partir dos nossos silêncios” (1998)- entrevista – Milton santos.

Livros – Milton Santos (1926 – 2001)

Por uma geografia nova (1978) Espaço e Metodo (1985)

A natureza do Espaço – Técnica e Tempo/ Razão e Emoção (1996)

O Espaço Dividido e o Brasil (1979) Pensando o Espaço do Homem (1982)

O País Distorcido (2002 – artigos publicados na F.S.P.)

A Poiesis contemporânea – (2015) a que está com este tempo Pag 113 caderno 2008

Teorias e práticas artísticas- “ O olhar contido”

- Nas obras de Theodor Adorno e de Walter Benjamin, as reflexões sobre artes e poética artística e as análises críticas da sociedade capitalista contemporânea, são inseparáveis; seu pensamento estético não pode ser reduzido a uma doutrina do belo ou do gesto, mas alude sempre a uma crítica de alcance ético e político... – polis – ética – valores públicos

pag. 121 – “O olhar contido e o passo em falso – (o olhar contido precisa do olhar aberto, fora – junto – do universo iconográfico)

– limiar, aura e rememoração – Ensaios sobre W. Benjamin/ Jeanne Marie Gagnebin – editora 34-

pag. 122... “Trata-se, portanto, de uma teoria estética no sentido duplo da palavra: no sentido etimológico amplo de uma teoria da percepção – (aisthesis) e no sentido moderno, mais específico, de uma teoria das artes e das práticas artísticas. Essa teoria estética também é universalmente, uma teoria de vida em comum, uma reflexão sociopolítica, já que percepção e história humana se transformam naturalmente.



pag. 49 - Pós-produção Nicolas Borriaud – Martins Fontes

"Artistas que trabalham o conceito da Pós-produção": "como a arte reprograma o contemporâneo" – "a forma como enredo: um modo de utilização do mundo"

III

Poiesis – **Ação** – Ação necessária, servil, com vistas a produzir ou transformar a matéria. Palavra de origem grega que significava inicialmente, criação-ação, fabricação, depois terminou por significar arte, poesia e faculdade poética.

"Auto-experimento, auto-biografia, relatos, retratos, Eu narrador – V geografia do pensamento – depoimento, registros, pesquisa, garimpo, enfim:

... "um unísono cultural capaz de fornecer parâmetros para a crítica e para a auto-crítica das nossas reais necessidades (editorial 1986 – informativo do Centro Brasileiro de Projeto de Arte – CBPA).

Relatos sobre a construção, sobre o saber e sobre a transferência deste saber –

- "O tempo da Agoridade o homem dos processos de hibridação" – Nestor G. Canciani). *V atas do PROCON 80/85*
"Eis porque a vida é inseparável de um universo, pessoal, individual, em que o próprio tempo será construído, tecido (- o tecer -) pelas sensações e pelas lembranças" – A arte do ponto de vista Sociológico – Jean Marie Guyan *o encestal*

Filme – Inside Out – (avesso)

Divertidamente – (título em português)

Intensamente – (título em espanhol)

Diretor – Pete Docter – (Toy Store) – experimento da observação e ajuda a filha Ellie.

A escritura – complementaridade - urdidura

Sua escritura – aprender a conduzir o "seu" estudo "tirar o véu" anotações - "pesquisa" – "leitura" – "construções" – "esboços"

<u>apresentação</u> ----- <u>representação</u> ----- <u>"o traduzir"</u>	
para quem quer falar	o que tem de dizer
como vou falar	o que quero dizer
como apresentar	(o texto)
"a urdidura/ a trama disto"	a construção
	a pós-produção
	a suplementaridade
	a urdidura

"sua importância efetiva e afetiva como uma espécie de suplemento de algo contingente – um critério de complemento" – "a moldura"



IV

30

é o "el párakon" – O pharmakon (que dá à "escritura" os desvios, as alternativas, os elementos, a possibilidade de um outro – "outra história"

- escritos – textos - texturas – têxtil – narrativa de uma tapeçaria

Anotações – para hoje

Designing – são as diversas necessidades considerado a crítica, a função, a economia e a

dimensão sócio política aos desenhos dos objetos e seus processos – Podendo

envolver considerável pesquisa, reflexão, modelos (matrizes) interatividades e redesenhos"

o paradigma tecido – "a urdidura" – "a trama" – "a construção" – "o visto" – "o não visto" – "o acesso"

pag. 1 – " Holderlin" – "na lenda de seus versos encantava-se bastante" ' subministro pensante" (assim interpretado por Martin Haodegger)



" o suplemento de leitura ou de escritura desse ser rigorosamente prescrito (palavra chave), mas pela necessidade de um jogo, signo ao qual é preciso outorgar o sistema de todos os seus poderes" pag 8 – A farmácia de Platão – Jacques Derridá.

"traduzir" – "aplicar" – "estágios narrados" – "obras (todas as possibilidades)" – " séries" – "projeto"

Derridáfala: - " os paradoxos de complementaridade" – "a escritura" – " amaestria" e o jogo (estético – narrativo)

Tício Escobar fala: - "jogos paregonais" – construir um paidiá - "em que ela é um jogo" (jogo)

O mapa ----afetivo ----"do alimento"

A urdidura

A construção da trama

Os pontos de encontros

O mapa afetivo – via mestra - mor

"o caminho mais rápido para os alimentos (os cientistas colocaram um bloco de aveia sobre os bairros de Tóquio – O fungo teceu um mapa em segundos, o mesmo mapa do metrô de Tóquio que os engenheiros levaram 10 anos para fazer"



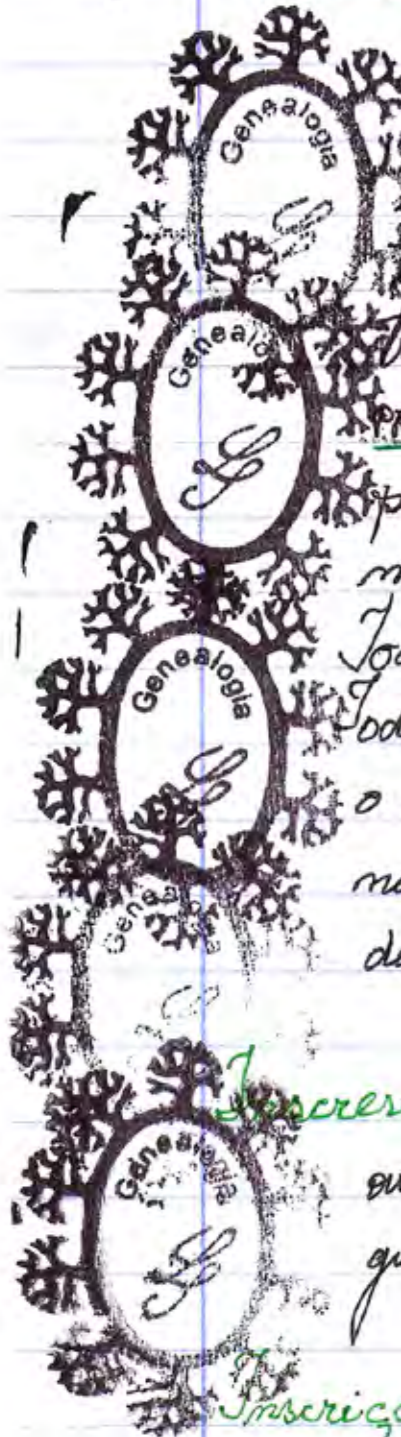
Glossário

Praxis — Na filosofia marxista, a palavra gr. **PRAXIS** é usada p/ designar uma relação dialética entre o homem e a natureza, na qual o homem ao transformar a natureza c/ seu trabalho, transforma a si mesmo. A filosofia da **PRAXIS** se caracteriza por considerar como problemas centrais p/ o homem, os problemas práticos de sua existência concreta: Toda vida social é essencialm/ prática. Todos os mistérios q. dirigem a teoria p/ o misticismo encontram sua solução na praxis humana e na compreensão dessa **PRAXIS**.

Inscriver-se — (do lat *inscribere*) Escrever

ou fazer escrever o próprio nome num registro, numa lista etc

Inscrição (do lat *inscriptio*) Ato ou efeito de inscrever-se — caracteres gravados na pedra, no mármore etc, inclusão registro do nome de alguém



Para q. poetas em tempos indigentes?

Nosso tempo é indigente? Quanto, até onde?

Indigência — (do lat *indigentia*)

Significa falta de meios p/ alimentar-se, vestir-se, etc., e o perigo q. nos cabe se encontra nesse etc q.

pluraliza a falta de condições, de meios... p/ algo além da subsistência, p/ nossa completude. É aí q. a arte entra e deve se auto-analisar, verificar as nossas possibilidades de exercer sua existência, as suas estratégias, o seu porque: "para q. arte hoje?"

Inscriver-se criticam/ nos diversos campos de atuação é, de alguma maneira, defender uma sólida forma de **Poesis** contemporânea, no sentido de reativar a sua potência de criação orquestral, conjunta, atenta a outro sentido, produção menos fabril, menos ligada às obrigações do fluxo econômico e mercantil. **Poesis** como fluxo a ser combinado p/ outros.



De fato o termo Poiesis está abrangido de harmônicos, de ressonâncias, de caminhos q. procuram se conectar, colocando a Poiesis no centro dos movim/ de arte, a função poética em 1º lugar: defender a abertura dos sentidos, c/ novas configurações q. atrasam mais q. qualquer outra coisa, a definitiva ou fechada leitura do mundo. Poiesis como habilidade nova, como possibilidade de um dever (e não uma linearidade). "Holderlin: é poético com/ q. o homem habita a terra".

Poiesis como linguagem maior q. permite um espaço p/ as metáforas, p/ as formas q. advêm, Poiesis como lugar não subjugado. Sempre reconhecendo q. a missão da poiesis é "fazer com q. seja esplêndida em sua divergência e distinção, tal ou qual coisa". Poiesis também como antídoto.

A aspiração da arte contemporânea n. é tanto a música, mas a poesia, a revelação, a epifania, mais q. uma simples narrativa... (trechos de Adolfo Montefo Navas p/ o seminário Museo do Vale 2008)

"Para q. arte hoje?" Isabel Matos Dias

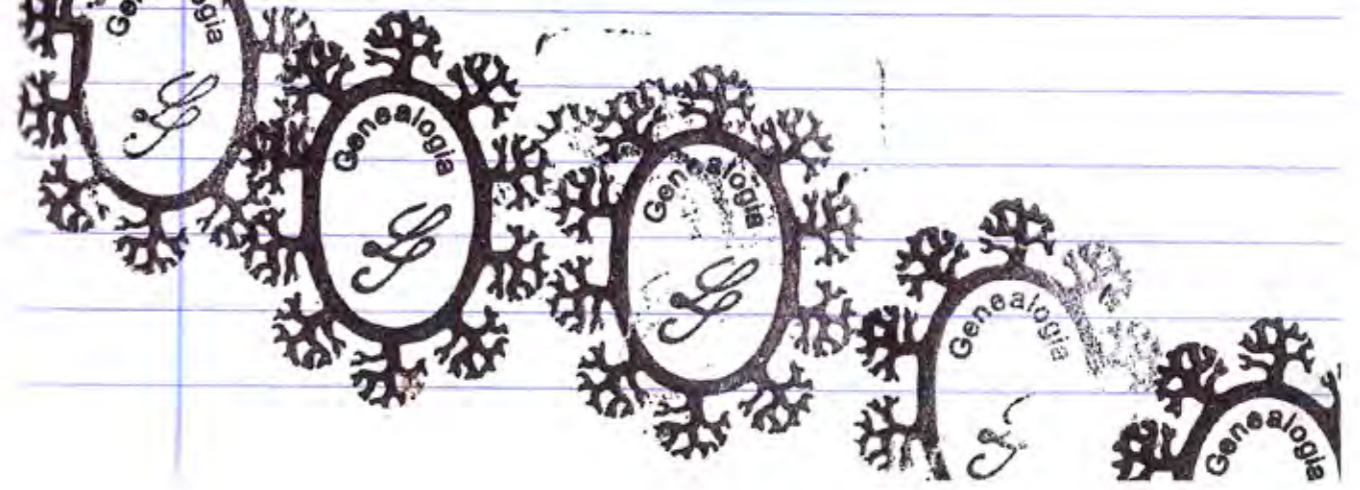
Não será q. esta formulação pode criar o equívoco de q. a arte só faz sentido se for justificada à luz de uma finalidade? Para q. serve? E se não servir p/ nada deverá ser erradicada? Que a arte faz sentido e transporta o seu próprio sentido não há dúvida, ela tem a justificação em si mesma, daí advindo a sua inevitabilidade e permanência. Se termos a pergunta às avessas, ou seja, do avesso p/ o direito, do invisível p/ o visível, ou pelo como: Como se faz arte hoje? A arte faz-se com q., de que? A questão abra-nos ao próprio processo de fazer arte, a criação artística entendida como Poietica. Orientamo-nos p/ uma arte em processo, e n. n. por sua função, aliás Richard Serra é bem explícito a este propósito: "Se retirarmos à arte a sua inutilidade, então estaremos a fazer outra coisa, mas n. arte". A inutilidade da arte acentua o seu caráter lúdico e sério

tornando-se, paradoxalmente útil, pela eficácia e ressonância destas dimensões na nossa vida... Uma das conotações negativas da Indigência tem a ver com a carência, quando pensada em função da abundância e da quantidade. Na sociedade de consumo em que nos encontramos privilegia-se o quantitativo sobre o qualitativo, gerando-se uma opulência indigente, patente na pobreza intelectual e experiencial. E esse traço da indigência também atravessa a arte sobretudo quando a reduz a um produto de consumo. Há todo um trabalho a fazer nos sentidos e no corpo p/ q. n. se fechem no q. já conhecem e se abram no inesperado e no imprevisível. Trata-se de desaprender o aprendido p/ poder reaprender.



Contudo, o mercado da arte é importante p/ fazer aronçar o trabalho dos artistas q. estão cientes da importância da visibilidade nos dias de hoje, q.

podem da confusão q. se gerou entre a existência e a visibilidade: só existe e reconhece o q. se vê, e quem se vê. Não vivemos numa sociedade de espetáculo? A arte é esse rastro vivo q. não desaparece, apenas se torna vestígio, rasto, p/ o próprio artista e p/ o espectador. É um processo sem começo nem fim, na gênese contínua q. desperta e incentiva a continuar ad infinitum (Textos p/ Seminários do Vale 2008)



Glosário -

Relatos - (do lat *relatum*) Narração -
notícia, informação, testemunho

Retratos - (do it *ritratto*) Representação da
imagem de uma pessoa real pela pintura,
desenho, gravura ou foto

Narrador - (do lat *narrator*) contador de histo-
rias, o q. explica ou descreve alguma coisa

Geografia do pensamento

pensam/geográfico (Milton Santos)

Ante a pergunta feita por Friedrich Hölderlin em fins
do séc XVIII na elegia Pão e Vinho: Para que poetas em
tempos indigentes?

Indigência (do latim significa falta de meios para ali-
mentar-se, vestir-se, falta de condições, de meios para
algo além da subsistência, para nossa completude.
Para q. serve a arte hoje? E se não servir p/ nada deverá
desaparecer? se isso tivesse acontecido, hoje sim, esta-
ríamos numa indigência irreuperável, não terí-
amos o legado de Kant, Schiller, Hegel, Ingos,
Delacroix, Daumier, Turner, Goya, Picasso, todos
os impressionistas, Nietzsche, Deleuze e todos os
artistas contemporâneos, e o próprio Hölderlin cria
da frase q. inicia essas considerações, pois ele
próprio propõe mostrar q. o poeta é quem cuida de
não deixar o homem sucumbir na indigência, indigên-
cia está q. se funda, segundo Heidegger, no esquecimento
do ser q. promove o obscurecimento do mundo e a des-
potenciação do espírito, ratificando q. a experiência estética
é a instância geradora de um conhecimento novo, original,
transformador e transfigurador, q. nasce de uma necessidade
interior ou da projeção de um querer q. permite ao indivi-
duo moderno resgatar a sua essência, a sua individuali-
dade e o sentido do sagrado ou do divino. (Almeida
Lopes Seminário 11/11)

Heidegger Arte como antídoto... "ao proporcionar a experiência
do espírito, a arte opera uma transformação: da indigên-
cia para a plenitude"

798
gência do nosso tempo (Fernando Pessoa - Semanário M.V.)
Conforme Jean Baudrillard: "o verdadeiro trabalho da arte consiste em levar a linguagem à sua singularidade, em arrancá-la da particularidade e da universalidade do sentido".

4
"As artes, a poesia, tornam habitável de novo o nosso território. Poesis como habitabilidade nova, como possibilidade de um devir. De novo Holderlin: "é poeticamente q. o homem habita a terra". Poesis como fluxo a ser combinado com outros. O termo Poesis está abrigado de harmônicos, de ressonâncias, de caminhos q. procuram se conectar colocando a poesia no centro dos movimentos de arte.

Defender a abertura de sentidos, com novas configurações q. atrasam, mais q. qualquer outra coisa, a definitiva e fechada leitura do mundo... sempre reconhecendo q. a missão da poesia é "fazer com q. seja esplêndida em sua divergência e distinção, tal ou qual coisa" (Adolfo Mariz)

E por meio da experiência poética q. o homem renova o ato de simbolizar e de jogar, redimensionando "a relação q. estabelece com os mitos, as tradições e a ordem natural" (Hilke Helena Schelisner) libertando-se da condição de indigente.

(Amaral Lopes)
Semana M.V.

Herzog pensa na possibilidade de nosso tempo superar a sua indigência através de um despertar do espírito, de um resguardar o ser. O perigo da indigência está na ameaça à essência do homem.

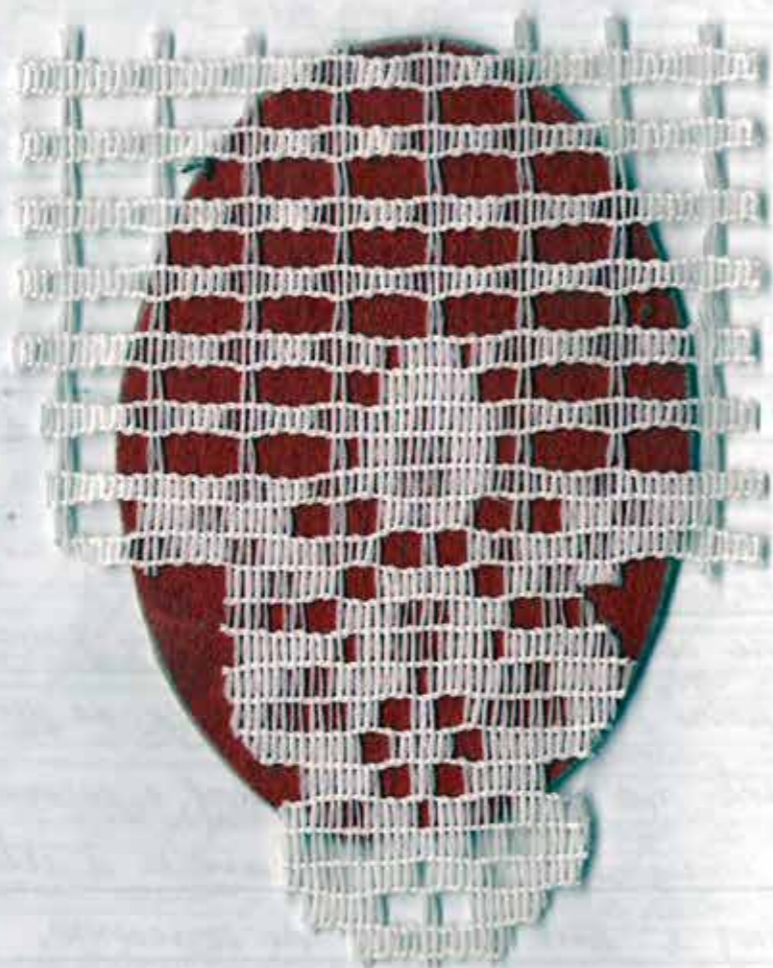
49
799
— Voltando à pergunta: Para q. arte hoje?
— Porque a arte faz sentido e transporta o seu próprio sentido, ela tem a justificativa em si mesma, daí advindo a sua inevitabilidade e permanência. Se lermos a pergunta às avessas, ou seja, do impossível para o possível, o para quê substitui-se, com vantagem, pelo como: Como se faz arte hoje?

— A arte faz-se com quê?, de quê?
— A questão abre-nos ao próprio processo de fazer arte, à criação artística entendida como poética. Orientamo-nos para uma arte em processo e não pela sua função. Aliás, Richard Serra é bem explícito a este propósito: "Se retirarmos à arte a sua inutilidade, então estamos a fazer outra coisa, mas não arte". A inutilidade da arte acentua o seu caráter lúdico e sério, tornando-se, paradoxalmente, útil pela eficácia e ressonância dessas dimensões em nossa vida.

Na sociedade de consumo em q. vivemos privilegia-se o quantitativo sobre o qualitativo, gerando-se uma opulência indigente, patente na pobreza intelectual e experiencial. E esse traço da indigência também atravessa a arte, sobretudo quando a reduz a um produto de consumo.

A proliferação de feiras de arte pelo mundo tem efeitos perversos. Dão-nos a ver arte em quantidade e esta estontea e dissimula o q. há de mais fundamental, a arte como experiência de um encontro onde se jogam traços de memórias, de afectos, de estranhos e inquietudes.

(Isabel Matos Dias - Semanário M.V.)



Glosario

O q. é Poesis?

É quando tudo age p/ complementar uma cena; é um ritual perpetuado, é um ato (completo) concreto, deixa resíduo, fica documentado. Poesis é o fazer, o criar, o saber poético da representação do mundo ouvindo os sentidos e o moldar da metáfora, em Poesis há a questão do sagrado (acima do bem e do mal), são acontecim/ q. constroem sentidos.

Quando se fala de arte como produção contemporânea / obra / produto desse tempo (2009), esta contextualiz^o se dá a nível não só de linguagem / conceito mas também a nível da mídia, enquanto meio através do qual ela vai se expressar. As artes plásticas se apresentam, ou se explicam, essa é a forma mais abrangente de Poesis.

Pensar Poesis como uma linguagem maior q. permita um espaço p/ as metamorfoses das formas q. advêm (advemto: recebimento). Poesis como lugar ã subjugado, ã preso aos antecedentes portanto sem compromisso q/ o passado, mas passando a Ter no Futuro (pg 78 - Antonio Adolfo Montijo Novaes)

Tecer - (do lat texere)

Entrelaçar fios da trama e de urdidura de maneira regular - fabricar um tecido em tecelagem - fig - tramar, urdir, engendrar

urdidura - conj de fios paralelos dispostos regularmente no tear, no sentido do comprimento e perpendicular a trama, fig enredo, trama, intriga

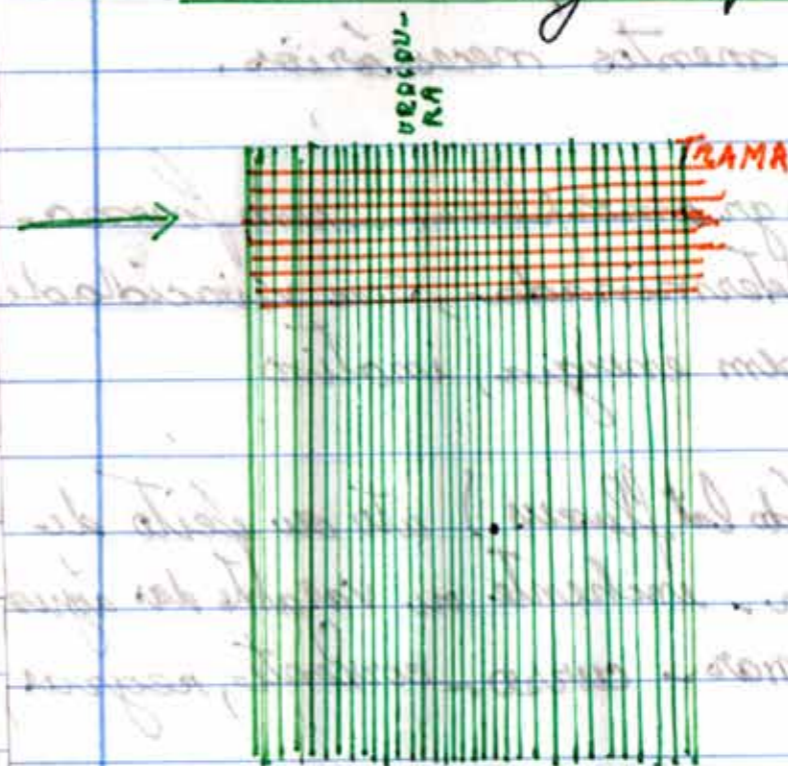
trama - (do lat trama) conj. de fios passados c/ lançadeira entre os fios da urdidura e transversal/ a estes

tramar - entrelaçar os fios da trama c/ os fios da urdidura - fig enredar, maquiñar, conspirar, intrigar

Suplementaridade (do fr suplementaire)

complementar, adicional, q. amplia ou completa, aditam/a, suprir falta, acréscimo, compensar a deficiência de

Prescrito (do lat prescriptum) estabelecido, regulado, ordenado, ditame, preceito, deixou de vigorar por prescrição



Elgia - (do gr elegia) (p. Latim elegia) verso composto por hexâmetros e pentâmetros alternados - pequeno poema lírico sobre tema tenro e melancólico - q. encerra tristeza profunda

Compleitude - s.f. propriedade de uma teoria dedutiva não contraditória na qual toda fórmula é decidível - inteiro, acabado, cheio - q. contém todos os elementos necessários.

Amorfo (do gr amorphos) - sem forma determinada, sem vivacidade, sem energia, inativo

Fluente - (do lat. fluens.) ato ou feito de fluir - inchente ou vazante das águas do mar - curso - corrente, regular

"O traduzir" - Pós-Produção (pag. 29) Nicolas Bourriaud

(trechos escolhidos)

Pg 7 O termo pós produção designa o conjunto de tratamentos dados a um material registrado: montagem, outras fontes visuais e sonoras, legendas, os rozes off, os feitos especiais. Como conjunto de atividades ligadas ao mundo dos serviços e da reciclagem.

8... Pare-se dizer q. esses artistas q. inserem seu trabalho no dos outros, contribuem p/ abolir a distinção entre produção e consumo, criação e cópia, ready-made e obra original, des trabalham com objetos atuais em circulação no mercado cultural e q. já possuem uma forma dada por outrem ex: os Dj e os programadores, cujas tarefas consistem em selecionar objetos culturais e inseri-los em contextos definidos.

Exemplos de artistas q. reprogramam obras já existentes: Em One revolution per Minute (1996) Rirkrit Tiravanija incorpora à sua instalação peças de Allan McCollum e Ken Lum; no Moma ele anexa uma construção de Philip Johnson, convidando crianças à desenhar: Untitled (Playtime) 1997,

Vários artistas utilizaram o vocabulário formal da arte minimalista, recodificando-o segundo suas próprias preocupações políticas ex: Dominique Gonzalez-Foerster, para a esfera da intimidade, Jorge Pardo, para uma problemática do uso, Maurizio Cattelan expõe Sans Titre, uma tela q. reproduz o famoso Z de Zorro, no estilo das lacerações de Lucio Fontana, eles adaptam estruturas e formas minimalistas, pop, ou conceituais às suas problemáticas pessoais, chegando a reproduzir seqüências inteiras de outras obras de arte existentes. Esses artistas fogem de as imagens pré-existentes e utilizam a sociedade como um repertório de formas, como Mathieu Laurette quando monta um banco offshore com os fundos arrecadados mesmo 3ª filheteria na entrada dos centros de arte, ele está fogando de as formas econômicas como se fossem linhas e cores de um quadro.

Outros recorrem à moda e aos meios de comunicação como Sylvie Fleury, q. vincula sua produção ao universo glamorizado das tendências apresentadas nas revistas femininas, ou Wang Du q. seleciona imagens publicadas na imprensa, e

V. fotos lhes dá volume, sob a forma de esculturas de gesso pintadas. Todas essas práticas artísticas compartilham o fato de recorrer a formas já produzidas. Não se trata mais de criar a partir de um material virgem, e sim de encontrar um modo de inserção nos inúmeros fluxos de produção.

pg 13 A pergunta artística ã é mais: "o q. fazer de novidade?" e sim: "o q. fazer com isso?" como produzir singularidades, como elaborar sentidos a partir dessa massa caótica de objetos do nosso cotidiano? Assim, os artistas atuais, ã compõem, mas programam formas, em vez de transfigurar um elemento bruto, (a tela branca e a argila), eles utilizam o DADO.

pg 14 "Não procure o significado, procure o uso" (Ludwig Wittgenstein). Inventar protocolos de uso para os modos de representação e as estruturas formais existentes, Aprender a usar as formas e em 1º lugar, saber tomar posse delas e habitá-las. A prática do DJ, a atividade do internauta e atuação dos artistas da pós produção compõem uma mesma figura do saber q. se caracteriza pela invenção de itinerários por entre a cultura.

pg 15 Essa reciclagem de sons, imagens ou formas implica numa navegação incessante pelos meandros da história cultural q acaba se tornando o próprio tema da prática artística.

Na cultura do uso, a obra de arte funciona como o término provisório de uma rede de elementos interconectados, como uma narrativa q. prolonga e reinterpreta as narrativas anteriores. Cada expo ^{16 pg} algã contém o enredo de uma outra, ã é mais um ponto final (p. 17).

21 pg - Usar um objeto é necessariamente interpretá-lo.

O importante é o q. fazemos com os elementos à nossa disposição. Ao ouvir música, ao ler um livro, produzimos novas matérias, aproveitando os novos meios técnicos para organizar essa produção: zappers, vídeos, computadores, MP3, ferramentas de seleção recomposição, recortes...

22 A apropriação é a 1ª fase da pós-produção.

pg 22 Quando Duchamp expõe um objeto manufaturado (um porta garrafas, um irrinof, uma pá de neve) como obra do espírito, ele destaca a problemática do processo criativo, colocando a ênfase ã em alguma habilidade manual, e sim no olhar do artista sobre o objeto. Atribuir "uma nova idéia" a um objeto é, em si, uma produção.

pg 22 Criar é inserir um objeto num novo enredo, considerá-lo como um personagem numa narrativa. ^{pg 23} Nos anos 60 a principal diferença entre o novo realismo europeu e o pop americano reside na natureza do olhar sobre o consumo.

pg 26 A Feira de Usados, forma dominante da arte dos anos 90.

A feira de usados, é o lugar p/ onde convergem produtos de várias procedências, aguardando novos

pg 27 usos. Por que o mercado se tornou referência das práticas artísticas contemporâneas? 1º p. q. é:

uma forma coletiva, de estética caótica (aglomerada) e sempre renovada, depois, porque no caso da feira de coisas usadas, é um local onde se reorganiza, bem ou mal a produção do passado. ^{pg 27} Atual sucesso do mercado ou do bazar entre os artistas contemporâneos deriva da vontade de devolver um caráter palpável às relações humanas q. a economia pós-moderna consigna à bolha financeira.

pg 30 O desvio de obras preexistentes é comum hoje em dia, mas os artistas recorrem a ele ã p/ desvalorizar a obra de arte e sim p/ utilizá-la. As obras de arte já ã sã consideradas obstáculos e sim materiais de construção. pg 39

1539 O Dj lida com discos, i.e., produtos.
seu trabalho consiste em encadear os elemen-
tos numa determinada ordem, agindo física-
mente sobre o objeto utilizado, praticando o
scratching, ou lançando mão de filtros, regula-
gem da mesa de mixagem e/ acréscimos sonoros
etc. ^{pp. 40} O deejaying supõe uma cultura do uso
das formas q. une o rap, o techno e todos os
seus derivados posteriores. Deejaying e arte contem-
porânea; as figuras são similares.

43 O artista Mike Kelley dedica-se a "transmitir as
formas q. servem p/ representar o amorfo", a figu-
rar a confusão visual o estado informe da ima-
gem, "a instabilidade das culturas q. se "entrecruzam"
Seu trabalho mostra o crisol caótico da cultura
global em q. entram a alta e a baixa cultura,
O oriente e o Ocidente, a arte e a não arte. O
grande tema de Kelley: o aplique, i.e., a maneira
como nossa cultura funciona por transplantes,
mixtos, e descontextualizações. O trabalho de
Kelley opera por curtos-circuitos entre 2 focos:
O enquadramento cerrado da cultura de Kuseu,
mesclando-se c/ a vagueza indistinta da cultura

pop: O aplique gesto fundador do trabalho
de Kelley aparece como a figura principal da
cultura contemporânea: incrustações da iconografia
popular no sistema da grande arte, descontextua-
lização do objeto em série, transferência das obras
do repertório consagrado p/ contextos triviais

44 A arte do séc XX é uma arte da montagem (a
sucessão das imagens) e do aplique (a superposi-
ção das imagens). Agora, a questão é: atribuir
um valor positivo ao REMAKE, articular usos, rela-
cionar formas em lugar da heroica busca do iné-
dito e do sublime q. caracterizava o modernismo

A forma como enredo: um modo de utilização
do mundo (pg 49).

49 A sociedade humana é estruturada por narrativas,
por enredos imateriais q. se traduzem em maneiras
de viver, em relações no trabalho, ou no lazer; em
instituições ou em ideologias. Para os artistas q. hoje
contribuem p/ o nascimento de uma cultura da ati-
vidade, as formas q. nos cercam são as materializa-
ções desses enredos. ⁵⁰ Os artistas, ao manipular as linhas
esquemáticas do enredo coletivo, i.e., ao considera-las,
não como fatos indiscutíveis mas como estruturas

precárias q. utilizam como ferramentas, produzem esses espaços narrativos angulares q. têm sua apresentação nas obras. 54 O uso do mundo q. permite criar novas narrativas.

53 Rirkrit Tiravanija produz modos de socialidade em parte imprevisíveis, uma estética relacional q. tem na mobilidade sua 1ª característica. Sua obra é feita de barracas precárias, de acampamentos de workshops, de trajetos e encontros efêmeros: o seu verdadeiro tema é o nomadismo, e é por meio da problemática da viagem q. conseguimos enxergar seu universo formal. Seu trabalho mostra-nos um universo feito de quartos de hotel, de restaurantes, de lojas, cafés, pontos de encontro e acampamentos, os espaços propostos p/ ele são os q. formam o cotidiano do viajante sem raízes, todos são espaços públicos, nada é duradouro, tudo é movimento, o trajeto entre 2 pontos é mais importante do q. o próprio ponto. Um de seus modelos formais é o periplo, local de trânsito, onde as pessoas vão de informação a informação, de loja em loja, a espera de um destino. Suas obras são de um roteiro IN PROGRESS cujo tema seria: como habitar o mundo sem residir em lugar algum? (pg 55)

Em 1996, Pierre Huyghe oferecia aos visitantes da exposição Traffic, um passeio de ônibus até as docas de Bordeaux. Durante a viagem noturna os passageiros podiam assistir a um vídeo q. mostrava o percurso q. estavam fazendo, porém durante o dia. Essa defasagem entre o dia e a noite e também o ligeiro descompasso entre o real e a ficção, devido aos sinais vermelhos e ao trânsito, introduzem uma dúvida na realidade da experiência: assim, a sobreposição do tempo real e da filmagem gera um potencial narrativo. Ao refilmar um clássico do cinema de Alfred Hitchcock num conjunto habitacional parisiense, e/ atores desconhecidos, Huyghe expõe um esqueleto de ação despojado de sua aura hollywoodiana, afirmando assim, uma concepção da arte como produção de modelos remontáveis ao infinito, roteiros disponíveis para a ação cotidiana. (1951)

79 O uso do mundo

A exposição fai não é mais o resultado de um processo, seu "happy end" (Parreno) é um local de produção, nela o artista coloca ferramentas à disposição do público... os artistas dos anos 90 usam o local da máscara como um espaço de convivência, um palco aberto a meio caminho entre cenário, estúdio de cinema e sala de

18 57 documentação... (82) Enquanto o local de exposição constituía um meio em si para os artistas conceituais, hoje ele se tornou um local de produção entre outros. Agora não é tanto uma questão de analisar ou criticar esse espaço, e sim de situar sua posição dentro de sistemas de produção mais amplos. O centro de arte ou a Galeria são casos particulares, mas fazem parte de um conjunto mais amplo: a praça pública. Assim, Daniel Buren expõe seu trabalho indiferentemente em Galerias, clubes, e quaisquer outras estruturas de difusão, desde a camiseta até os discos q. constam de catálogo de seu rótulo Electro Music Dept.

Em termos mais gerais, tornou-se difícil considerarmos o corpo social como uma totalidade orgânica, pois o percebemos como um conjunto de estruturas desactivadas entre si, à maneira das corpos contemporâneos q. ganham volume com próteses e podem ser modificados a vontade. (pg 83 ... O q. se costuma chamar "realidade" é uma montagem. A partir do mesmo material (o cotidiano) pode-se criar diferentes versões da realidade. Assim, a arte contemporânea apresenta-se como uma mesa de

montagem alternativa q. perturba, reorganiza ou insere as formas sociais em circuitos originais. O artista desprograma / reprograma, sugerindo q. existem outros usos possíveis das técnicas e ferramentas à nossa disposição (pg 84) ... O ponto claro em comum entre os artistas mais criativos da atualidade, consiste nessa capacidade de utilizar as formas sociais existentes pg 85 - De Philippe Parreno: ... A pergunta q. se coloca em seu trabalho poderia ser a seguinte: quais são as ferramentas q. permitem compreender o mundo? Denunciar, fazer a "crítica" do mundo? Não se denuncia nada de fora, primeiro é preciso assumir ou mergulhar a forma daquilo q. se quer criticar. A imitação pode ser subversiva, muito mais do q. certas declarações de oposição frontal. Louis Althusser dizia algo parecido: a verdadeira crítica é uma crítica do real existente, pelo próprio real existente. Interpretar o mundo não basta, é preciso transformá-lo (pg 86) No trabalho de Philippe Parreno geralmente é o comentário q. produz formas, e não o inverso... É o comentário q. produz narrativas (pg 87)



Glosário

- inelutável** - (do lat *ineluctabilis*) q. não pode ser evitado
- pacto** - (do lat *pactum*) Acordo, tratado, contrato, combinação
- aliança** - pacto de cooperação, sinal simbólico de aproximação, cumprimento, comparsa, reunião
- encadeamento** - Ação de encadear, ligação de coisas em um lugar à força, dispor em ordem
- aparência** - (do lat *apparentia*) - exterioridade, aspecto
- perseverança** - (do lat *perseverantia*) constância, firmeza
- sedutor** - (do lat *seductor*) tentador, atraente, fasciante
- dado** - (do lat *datus*) elemento conhecido q. serve em q. se funda uma discussão - Erro 1 no enunciado - ofertado - gratuito



- ← **impedido** - invencível, irrefutável, fatal
- noção**, **convenção**
- mento, acordo entre partidos políticos, união por interesse comum
- da mesma natureza, preso e cadeia, reter lógica,
- o q. se mostra à 1ª vista, afirm., pertinácia, persistência, tenacidade (~~perseverância~~) perseverar
- de base à solução de um problema - O ponto de partida problema de matemática, hipótese q. figura
- (Grande Dicionário Larousse Cultural e língua portuguesa.)

Segundas – LPy – 21-09-15

Iª Fase – O enunciado do Entardecer - palavra chave – Prudência – as 3 faces *page*

- a- Reflexão – o inesperado o imprevisível
- b- Continuidade – “uma voz própria” – “poder entrar no jogo”
- c- O plano – “marchar em rigoroso itinerário dialético – esquema”
- d- União, unidade – o liso não resta mais vestígio de nenhuma origem – “o vazio”
Construção de uma memória – localização do desejo - marcação da geografia cidadã – ficha base de trabalho

Providenciar

Ficha

I – face – 1 (a+b+c+d) | – II face – abrir caderno – garimpos – notícias - 2015 –

I - face – 2 proposta individual – (4 salas ocupação)

I – II – cadernos com pesquisa do conceito + croquis da proposta ?

II fase – “O voo da coruja” – palavra chave – Elegia – poema com vários versos

a’ – inscrição – inscrever-se – poiesis – práxis – o designing – (as diversas necessidades) ✓
– sócio-política – envolve, pesquisa/reflexão/discussão
b’ – pacto de alianças – a lei inscrita no céu – pacto de alianças – encadeamento de aparências *62*

e’ – perseverança – mapa afetivo ? –

d’ – TAZ – espaço tempo – atuação/relações – tempo espaço – ação

construção de uma narrativa – lenda pessoal –

anais 2016

21 Setembro 2015 segunda feira

I Pacto de Alianças – “a lei inscrita no céu” *(p 154 meu) sempre 10 pgs a frente*

Palavra chave – conceito mor -

Estratégias fatais – Jean Baudrillard – pg 144

Coleção Margens - Editora Estampa

“já não queremos um destino, queremos uma história”

“como se houvesse alguma finalidade na civilidade dos costumes: está aí realmente a nossa hipocrisia, aplicar, por todo lado e sempre, uma função moralizadora das trocas”

63 4
"a lei inscrita no céu não é, de modo algum, a da troca. Seria antes a da aliança, do pacto de aliança e dos encadeamentos sedutores" *Pr 154*
Chaligim fataro

"um encadeamento sedutor é aquele que evita a promiscuidade da causa e do efeito. Os signos não fazem passar entre si um contrato de troca, mas um pacto de aliança – Em parte alguma reina a lei de significação, mas apenas o encadeamento das aparências"

-encadeamento das aparências –

"pacto de alianças" - "encadeamento das aparências" – "a lei inscrita no céu" – "encadeamentos sedutores"

II

Deste modo, o céu, com os seus signos que giram, é efetivamente uma arca de aliança onde se encadeiam as constelações que por si próprios, se ordenam como um destino cerimonial.

"o céu" "signos que giram" "arca de aliança"

encadeiam constelações

---que por si próprios, se ordenam como um destino cerimonial.

"Nascer sob um determinado signonão significa, de modo algum, interpretá-lo ou dar-lhe um significado de acordo com o seu sentido: é aderir a ele, é estabelecer uma aliança com ele, é reconhecer-lheum poder de predestinação".

reconhecer-lhe um poder de predestinação

64

"não é uma questão de acreditar ou não acreditar, não mais do que se acredita ou não nos signos dedelicadeza: o erro está sempre em atribuir sentido àquilo que não tem"

III

"O destino, no sentido de uma forma inelutável e recorrente do desenrolar dos signos e das aparências, tornou-se para nós uma forma estranha e inaceitável".

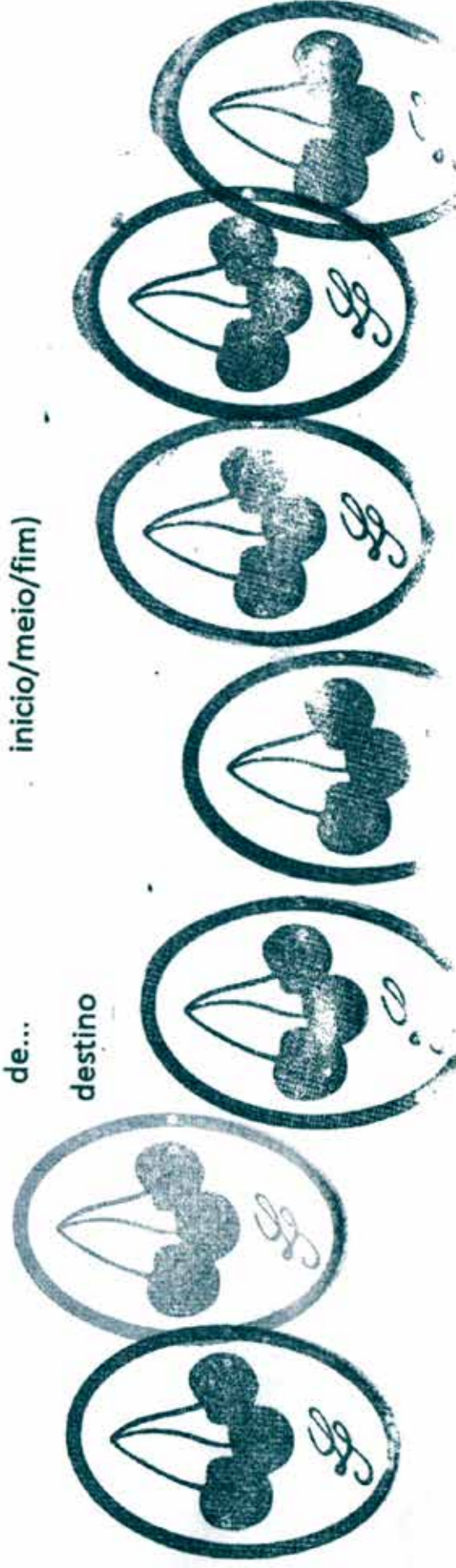
"já não queremos um destino. Queremos uma história. Ora a cerimônia era a imagem do destino."
exemplo /signocerimônia

a apresentação (é uma construção

de...

início/meio/fim)

destino



destino - fatali", sorte, fado, direção, rumo

início história

marcação do território

cerimônia

-- "Para que uma coisa desapareça verdadeiramente, para que seja resolvida na sua aparência, é-lhe necessário o cerimonial de uma metamorfose..." pg 146

Destino

pg 146 (no meu 156)

"O destino fundamental não é existir e sobreviver, como se crê - é aparecer e desaparecer. Só isso nos seduz e nos fascina. - Só aí há uma cena e um cerimonial - não é preciso acreditarmos que o acaso se encarrega de fazer aparecer ou desaparecer as coisas, sendo a nossa tarefa fazê-la durar e dar-lhe um sentido -"



IV

Pg 140/141

"A linguagem é imanente, como o rito: não prescreve regras, não se mistura com a dialética nem com a psicologia. Não recorre sequer a mitos, justificativos ou alusivos. -"

Diz o que é preciso fazer e ponto final (a inscrição) Não é um sistema de valores ou de interpretação - mas um sistema de regras - (as 3 faces da Prudência) ou (?) (outras quaisquer).

Ora, é aí que os signos ganham a sua maior intensidade: quando já não exigem mais que a observância pura. - Quando levam até ao ponto mais alto, como as regras de um jogo, o arbitrário e a discriminação. Não a diferença, que essa tem sempre um sentido, mas a discriminação - que é a forma verdadeiramente rigorosa da marcação e o equivalente da predestinação no tempo -

Aquilo que já lá estava sempre, antes de ter acontecido

(que é, portanto, perfeitamente milagroso) - aquilo que ganha força de signo antes de ter sentido (que é, portanto, perfeitamente arbitrário), aquilo que se impõe como fim, antes de ser justificado (que é perfeitamente injusto).

Glossário

Cerimonial - (do lat. caerimonialis) Conj. de regras q. presidem ao cerimonial civil, militares ou religiosas; etiqueta

Metamorfose - (do gr. metamorphosis) Mudança de forma, transformação mudança completa no estado, ou no caráter de 1 pessoa

aparência - (do lat. apparentia) aspecto, engano, ilusão, disfarce aspecto, segundo o q. se vê.



Glossário

Linguagem - (do prov *linguatge*) capacidade dos seres humanos de exprimir seu pensamento e de comunicá-lo por meio do sistema de sinais vocais e eventualmente gráficos (a língua) - sistema de signos não verbais q. preenchem a função de comunicação. Voz, grito - Maneira de se exprimir.

Imanente - (do lat *inmanens -tis*) - permanente, constante, qualidade q. existe num objeto e lhe é inseparável, qualidade de uma coisa q. age sobre aquilo do qual ela faz parte, o contrário de *transitório*

Rito - (do lat *ritus*) Conj. de regras e cerimônias de uma religião, ritual, ritos, culto, cerimonial

Aparecer - (do lat *apparescere*) tornar-se visível; mostrar-se, surgir, estar publicado; fig: bulhar, fazer-se notar

Desaparecer - (vi Conj. (23)) sumir, ocultar-se, esconder-se, morrer, retirar-se, perder-se

Arbitrário - (do lat *arbitrarius*) que depende da vontade ou do capricho de alguém, despótico, ilegal, à vontade de, à mercê de.

Discriminação - (do lat *discriminatio*) distinção, separação, tratar p/ pior da do a pessoas de outra raça, preconceito de cor; racismo

Perséverança - (do lat *perseverantia*) - persistência - firmeza, constância, tenacidade; obstinação, pertinácia

Inelutável - (do lat *ineluctabilis*) q. não pode ser evitado, impedido, irresistível, irrefutável, fatal

Observância - (do lat *observantia*) ação de observar, de praticar com fidelidade alguma coisa. cumprir) do q. prescreve uma regra, uma lei analisar, verificar, notar, ver



Justificado - demonstrado - provado
 inocência - legitimado, desculpado, provar inocência -
 reabilitado.

Injusto - (do lat *injustus*) contrário à justiça, à equidade -
 infundado, indisculpável

Milagroso - Que faz milagres - maravilhoso, extraordinário, inexplicável, miraculoso

"O precário é condição predominante na criação" Nestor Cerclini

Como o sr. define ou entende o ato ou o gesto criador?

— Não é um ato súbito, mas algo q. requer um acúmulo de trabalho...

identifico 4 características principais:

1) A **inovação**, um processo de repetição q. gera algo novo, q. ã existia

2) **Imcerteza**, porque a atividade criadora ã transita por caminhos programados.

Ela se desenvolve através de uma constante experimentação.

3) **Precariedade**, q. designa a condição social de fragilidade e desproteção em q. se desenvolvem, hoje, os processos criativos

4) A relação entre trabalho criador e a sociedade, a criação q. ã se limita apenas a responder às condições de uma cidade ou de um país, mas a um horizonte muito mais amplo.

O ato ou o processo criativo estão sempre condicionados pela sociedade. Desde os avers

1960 e 70 há muitos artistas visuais, de teatro e escritores q. vêm buscando socializar a criação, ex: Teatro do Oprimido, de Augusto Boal ou o Enrique Buenaventura, na Colômbia. Artistas q. buscam redistribuir a criatividade e compartilhá-la c/ setores q. se interessam em inovar e recriar o sentido social.

Como a precariedade se relaciona com a criação hoje?

Ela é a condição de trabalho predominante no campo da criação artística, e o q. se observa é uma mudança, uma passagem da ideia de carreira p/ a de projetos vive-se na intermitência. Os jovens têm muitas dificuldades em criar uma carreira, sobrevivem aos saltos, dividindo-se entre projetos distintos e fragmentados q. duram 6 meses, depois ficam 3 meses sem trabalho, depois conseguem mais 2 meses... isso é a precariedade, uma condição q. precisamos estudar como parte dos modos de produ-

ção artística da atualidade.

Vê nas redes uma forma de driblar obstáculos financeiros e encontrar novos modos de troca de práticas e saberes?

— Pesquisamos jovens criadores da Cidade do México e de Madri e percebemos a mesma condição de precariedade, mas q. assumindo essa condição potencializam a capacidade criativa e comunicativa. Usam a tecnologia p/ estabelecer redes não só no lugar em q. vivem, mas no mundo. Isso os ajuda a conhecer outras práticas e difundir o q. fazem

... Como observa o tipo de deslocam/ essa saída do ambiente virtual e a retomada do espaço público como zona de acúmulo e de exercício manifesto de insatisfação política?

— Vejo como um aspecto do mal-estar. Um outro aspecto tem a ver c/ a busca pela democracia num sentido mais amplo, q. ã se resume apenas a mudar o governo, e sim de se reapropriar das ruas e do espaço público.

Mas com o interesse social, de um bem estar q. nos foi expropriado pelos líderes políticos e pelas empresas mais poderosas. São esses os pontos em comum q. vejo entre esses diferentes levantes, manifestações e ocupações da Primavera Árabe aos occupy dos E.U., do México ao Brasil.

Dentro de um contexto teórico, cada vez mais globalizado, interligado e híbrido, como observa esta aparente "impossibilidade de hibridação, convivência, aculturação e interpenetração entre parte do Ocidente e parte e parte do mundo islâmico - penso q. não são apenas 2 mundos, claro, mas muitos mais...

Se olharmos a partir da América Latina, com uma visão mais aberta sobre a complexidade do q. está acontecendo na Ásia, ou aos conflitos internos de convivência e interculturalidade na A. Latina, mesmo os indígenas, afroamericanos, asiáticos,

chineses, coreanos, uma presença cada vez maior e mais forte, com capital e força de trabalho chegam cada vez mais às cidades latinas p/ trabalhar aqui, vemos q. há uma grande complexidade... os meios de comunicação têm uma enorme responsabilidade em tornar mais compreensível a interculturalidade, mas em geral não cumprem essa tarefa. Tendem a criar e a reforçar estereótipos, reafirmar a xenofobia já existentes, assim como as pressões contra o estrangeiro e o diferente...

Atentados recentes como o ocorrido contra o semanário francês "Charlie Hebdo" e contra os organizadores de um debate sobre "Arte, blasfêmia e liberdade de expressão" na Dinamarca, revelam uma reação de extrema violência e contra meios de comunicação. Como avalia essa conflituosa dinâmica entre a defesa extrema da liberdade de expressão e a produção de violência e/ou no terror?

O curioso, é q. poucos dos grandes meios de comunicação sofreram ataques por estigmatizar os diferentes, em vez disso foram agentes pequenos como o "Charlie Hebdo" e o diário dinamarquês "Jyllands-Posten" q. publicou em 2005 12 caricaturas de Maomé q. sofreram ataques. No México hoje são mais de 110 jornalistas assassinados todos os anos. E isso não acontece por nenhuma espécie de choque cultural, mas por uma violência relacionada às máfias infiltradas no estado, nos partidos políticos, na máfia e na gestão da vida pública. É preciso ter um cuidado não só em não aplicar os estereótipos tradicionais da modernidade, mas pensar em novas condições de convivência intercultural e globalizada.

— Como avalia a atual ascensão de novos meios digitais de informação e das redes sociais?

— Em muitos aspectos, os jornais estão a rebuque das redes sociais. Em muitos

~~aspectos~~ Os jornais estão perdendo o sentido do q. podem fazer enquanto editores e qualificadores da notícia... A tarefa dos meios mais laborados, hoje, é conduzir a edição contextualizada e crítica dos acontecimentos.

— O antropólogo Bruno Latour (autor do "jamais fomos modernos") comentou q. o custo de termos nos tornados modernos foi muito alto e p/ q. possamos continuar a existir aqui, hoje, isso teria "uma relação profunda e/ descontínua, interromper a continuidade das coisas, interromper o q. temos feito, o q. é hábito. Continuidade, hoje, significa descontinuar e reconstruir nos inteiramente" disse ele.

— Eu estaria de acordo sim q. temos de descontinuar certos impulsos no modo como se desenvolveu a modernidade, sobretudo nesses últimos 30 anos. A pergunta é: como fazer isso? Saber se politicamente isso é viável.

Não temos tido tempo e capacidade de elaborar novas formas de convivência, ... hoje estamos consumindo água irresponsavelmente, ... vemos esse problema também na Califórnia q. está reduzindo o consumo d'água pq. está percebendo e detectando problemas no modo como funciona sua Tecnologia avançada. P. Ex. o Silicon Valley, o maior avançado centro tecnológico mundial, mas q. tem sido irresponsável na maneira de consumir a água, c/ pouca visão de futuro, ... É preciso diferenci- ar e perceber os diferentes tipos de perigo, como p. ex os efeitos da Tecnologia digital, esse modo de produção baseado na obsolescência programada, q. esgota cada vez mais rápido os bens, p/ q. os objetos se tornam antigos e inúteis cada vez mais rápidos p/ q. novos modelos chegam ao mercado a todo tempo. Temos q. pensar se queremos um iPhone 42 ou se vamos nos contentar c/ o iPhone 5 q. já é bastante avançado.

(<http://extra.globo.com/T4-e-lazer/o-precario-condicao-pre->

dominante - ma - criação - dig - nester - conclini -
15862029.html#ixzz3XIJbF9VZ)



I

PERSEVERANÇA – Sobre os signos, as linhas, a criação e a ação

“A boa fortuna e o infortúnio exercem seu efeito através da perseverança – O Tao do céu e da terra torna-se visível através da perseverança. O Tal do sol torna-se luminoso através da perseverança. Todos os movimentos sob o céu tornam-se uniformes através da perseverança.”

(pag. 249) – I Ching – o livro das Mutações – Richard Wilhelm – Editora Pensamento – ano 80

(pag. 250) “O segredo da ação reside na duração. A boa fortuna e o infortúnio preparam-se lentamente.

Só quando se segue um determinado rumo com constância, podemos resultados das ações isoladas virem a se acumular, pouco a pouco, até que se manifestem como boa fortuna ou infortúnio. Do mesmo modo, o céu e a terra resultam de condições duradouras. É porque todas as forças claras e luminosas constantemente ascendem e tudo o que é sólido e turvo, tendem a constantemente a descer, que o cosmo se separa do caos: acima o céu, abaixo a terra. O mesmo, ocorre com o curso do sol e da lua: seus estados luminosos, são resultantes de constantes movimentos e condições de equilíbrio – Assim, todo movimento e toda ação que se realizam de maneira continua durante um longo período traçam cursos definidos, que posteriormente tornam-se leis.

II

De acordo com essa colocação, as leis naturais não são abstrações que se fixam uma vez para sempre são, isto sim:

Processos

que se mantem e que, quanto mais perduram, tanto mais claramente, manifestam uma regularidade.

(pag. 246-247) (coisa =forma corpórea)

O que modifica as coisas e as adapta uma, às outras, chama-se mutação.

O que as estimula e põe em movimento chama-se continuidade.

O que as eleva e apresenta a todos os homens sobre a terra, chama-se o campo de ação.

Por isso, chamaram ao fechar dos portões – o Receptivo, e o abrir, o Criativo;

A alternância entre o fechar e o abrir eles chamam “a mutação”

III

Ao incessante movimento de ir e vir, eles chamaram “o penetrar”

Aquilo que se manifesta visivelmente, eles chamaram “a imagem”

Ao que possui forma corpórea, eles chamaram “coisa” (ferramenta (inglês) - ding-coisa(alemão))

Ao que foi estabelecido para o uso chamaram “lei”

Ao que favorece o sair e o entrar, aquilo de que vivem todos os homens, eles chamaram “o divino”

Coisa – no conceito chinês ----o ser da coisa e o seu uso, não seriam dissociados

Ver ficha – produção anodata.....dia, mês, hora, ano, semana

Plano de trabalho

Autocrítica

Auto avaliação



Mapa signo – o dar e o receber – a ideia

Protocolo circunstancial –

Como se chama?

Passagem para uma lenda

Quem sou eu? Uma pintura? etc

Ida às origens.....

O projeto - o que é? Definição

Quem é? Título

9/11/15 Anotações do encontro

- 1 Campo iconográfico - veículo especial (celebração) fecha o
- 2 campo simbólico
- 3 campo conceitualista (inicia c/ Anais 1 grande celebração do universo iconográfico Anais 1 caderno { usar os carimbo signos característicos } bos - (100 frases

Anais 2 Olhar fotografado

O dossier: 1 livro de registro de todas obras CCM (cadastro do contribuinte imobiliária (exige nota de venda)

Mapa atelier - histórico do bairro, pesquisa s/ J. Paulistano
mapa do metrô

Consignação = ação consignada, acompanha 1 contrato p/ direito de uso c/ tempo determinado, ao término

do qual, passo o pertencim/ p/ outro

Consigno é sempre dial, precisa de 2 pontos de pertencim/, precisa ser só indiciado. Elemento de repetição q. pode ser estranho ao seu universo iconográfico

Só posso trabalhar o q. for meu

Anais 2 é a consignagem

ver ZAT

zona autônoma (de pensar) Temporária
procurar os verdes

Uma instalação, lugar físico, farol cruzam/ no qual estou ou não, todos os sentidos devem estar presentes. Para complementar o "olhar fotografado" fazer uma instalação usando o dial de maneira grandiosa - se por no lugar do outro junto c/ todos

Segundas - 09 de novembro de 2015

Signos - consignos - consignos - (consignação)

A liberação Tem autonomia do texto - pag. 73 Bay - Conrad - 3ª edição

T.a.z. - Zona Autônoma Temporária

A liberação é percebida durante o esforço = essa é a essência da "autosuperaçãonietscheana
Essa tese também pode tomar como símbolo o andarilho de Nietzsche. Ele é o precursor do

vagar a esmo, no sentido dado pelo situacionismo para derivee (paradefinição)

....podemos antever uma geografia completamente nova, um tipo de mapa de peregrinação no
qual os lugares sagrados são substituídos por experiências de pico e T.A.Z.:-

- uma ciência real de psicotopografia, para ser, chamada, talvez de "geoautonomia" ✓

ou "anarcomância" ✓

Pag. 72 "A TAZ é um lugar físico, no qual estamos ou não estamos. Todos os sentidos estão
necessariamente presentes. De certa maneira, a web é um novo sentido, mas que deve ser
adicionado aos outros, e os outros não devem ser subtraídos da web, como uma simples
paródia do transe místico".

"Sem a web a completa realização do complexo da T.A.Z. não será possível. Mas a web não é
um fim em si mesma. É uma arma..."

Um olhar fotografado - parte I

Pag.72-A T.A.Z. deve ser cenário de nossa autonomia presente, mas só pode existir se já nos
considerarmos livres.

Pags. 35/36 - A T.A.Z. é "utópica" no sentido que imagina uma intensificação da vida cotidiana
ou, como diriam os surrealistas, a penetração do maravilhoso na vida.

Mas não pode ser utópica no sentido literal do termo, sem local ou "lugar do lugar nenhum"

Coletivo 005/008 - Projeto C.O. Aberto ProCOa-

Um olhar fotografado -

A obra localiza numa série que por uma vez, localiza numa proposta
(sala) que por sua vez localiza num projeto que está inserido numa publicação que por sua vez
caminha para outras realidades paralelas - -veicula - Irradia

A T.A.Z. existe em algum lugar. Ela fica na interseção de muitas forças, como um ponto de
poder pagão na junção das misteriosas linhas de realidades paralelas, visível para o adepto em
detalhes do terreno, da paisagem, das correntes de ar, da água, dos animais, aparentemente,
sem qualquer relação um com outro...

Pesquisa - caderno - protótipos

signo - consigno - cosigno - texto - obra - série - sala - projeto - projeto maior - publicação - oficina

horizontalidade

Verticalidade

Família

Pré signo

Signo - signagem

Transferência esboços

Dialéticapesquisa

Os mil desenhosobra

Família signagem irradiação - técnica - dimensão

etc..... estilo- suporte

material

propostaetc...

projeto

Um olhar fotografado

ABCDEFGHIJL.....

Dezembro/2015

A arte hoje está entre

Os folders dos Utubros Abertos comprovam o q. estou fazendo hoje.

No veículo pessoal ao celebrar a maior idade dos signos, dou-lhes autonomia

ex. Construir um painel c/ os vermelhos colhidos, c/ estética, podem formar uma linha do horizonte

□□□□□.....

Dar a cada signo sua devida importância, a > idade dele.

- | | |
|-------|--|
| nome: | 1 sala c/ cosigno (consignação) tem prazo |
| " | 2 " c/ cosigno (coadjuvante) uma interferência
ex. fontar p/ mãe e pai da esposa.
é qdo o signo tem um companheiro |
| " | 3 " bloco de palavras c/ gravuras |
| " | 4 " irradiações |

5ª Sala - nome: o que é o que é
de caráter de caráter

6ª " nome:

7ª " nome:

Uma Vaporação - consigno (tem q. ser na casa do signo)

Uma Interferência - cosigno (vídeo)

Uma Exposição - signo mora na casa e nunca sai

Fotos do atelier - Bloco de palavras
 No veículo pessoal, celebração de 4 signos

As pgs dos cadernos devem ser construídas como gravuras, serão produzidas.

O dossiê 2016 é um caderno de conduta p/ uma exposição

1º passo: Bloco de palavras vinculado à uma pesquisa

{ dossier é a cx, os cadernos, toda pesquisa, escolher algumas frases, reproduzi-las no caderno e juntar o jornal de onde foram tiradas

1º Anais - as pag. dos cadernos serão gravuras 20 palavras ou 3 linhas em 1 outro novo caderno: 100 pag. s/ uma palavra do bloco. ? 100 imagens do Olhar fotografado (livro branco)

Publicação na Web, de 1 painel, precisa q. as imagens estejam customizadas.

+ 4 salas

p/o site 1ª sala - bloco de palavras, usar carimbos de consigo e desenhos + gravura do selo

janela 2ª sala - interferência - vídeo - consigo

" 3ª " bloco de palavras c/ gravuras

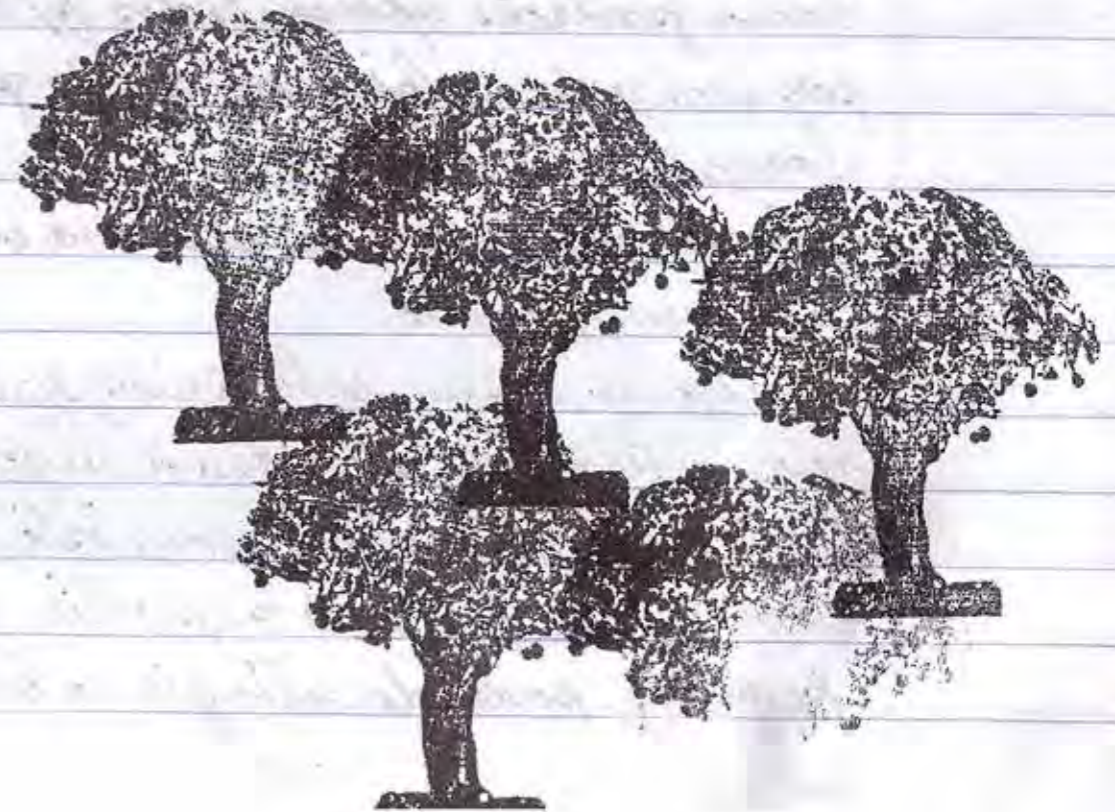
" 4ª " - das irradiações

" 5ª " fotos ou vídeo do Atêlas, subprodutos

Três de modificações de postura tudo se torna visível. O Traxoa terá um projeto p/ a Web, q. passará por circunstâncias q. o modificarão (sign), terminando numa MACRO exposição.

Cultura vem de cultivo, tudo q. faço tem q. dar frutos p/ q. eu possa ter continuidade - (livro das 100 frases customizadas?)

Quem irá comprar gravuras?
Os amigos do face vão só usufruir



A Arte Escutante

Ter o Território (vículo I)

O ato de mensurar psicanaliticamente nos transfere a consciência de ser, com isso, temos ou detemos o pensar, assim, reflexão quanto ao componente q. viemos, a genética, mais o conteúdo observatório, mundo exterior, estes estádios ocorrem na região cerebral q. se expandem criando o q. chamamos de mente, a consciência inteligível; inteligível como padrões apresentados p/ todos por um grupo elite edificado por forma de poder.

Relacionam/ complementar na construção de um terceiro

Dentro de nossa soberania, pretendemos externalizar adquirindo algo não pertencente naturalmente, com isto, iniciamos uma ocupação a partir da pequenez podendo atingir ao território

geográfico, mediante forças conseguidas. Esta forma de posse nos remete a propriedade, a apropriação q. poderá ser ou não concedida, pois, este estado libertador de poder, habita em relação ao outro ou sobre o outro.

Novam/ esta equivalência, ou seja: esta medida, cabe na decorrência das investidas dos apossam/ permitidos pelos conceitos de conservação social.

O ato de comparação, portanto, medida, nos traz uma semelhança, uma aparência onde a questão do ser e ter e se refletem em instâncias de vinculação q. cria a condição de relacionar a existência, aos signos.



Reunião de estudos

Percurso gerativo { construir imagens
cenas, c/ meus signos
(um produto): publicação,
data do registro

Teoria Greimasiana (análise de
todas as possibilidades, disciplina
baseada na descrição (questões histó-
ricas))

- 1º como um todo
- 2º ir à exaustão
- 3º achar um ponto de
convergência ou Grande
Conceito, ponto de vista
q dá a estrutura do
conceito.

□ quadrado semiótico
esquema de uma es-
trutura.

Conceito de poder (tem a ver c/ posse
esquema objetivo. Análise de cada
signo

reflexo
dhor o invisível

do objeto, está dentro do signo.
v táticas - qual é o reflexo de
poder

Dever - é uma dívida presa
a algo q. fiz: comprei e n
paguei

preso a uma dívida, algo concreto
Perguntar ao signo: o q. ele pode
fazer e deve fazer

representar
analisar possibi-
lidades

Pegar 1 só signo o q. ele pode ser
e deve ser

veículo
não perder o compromisso
do trabalho.

Na ida, tudo q. o signo foi, na volta
será o contrário

Posse está ligada à possibilidade
vinculação - casam/ vínculos de dever

Reflexão - achar o reflexo

v - pesquisar poder - v Thomas Hobbes
v " " Max Weber

Teses Etnografia simbólica — táticas de abordagem — razão

Abordagens táticas p/ recompensas ou punições: 1 — razão

2 — amabilidade

3 —

4 — barganha, troca de benefícios, quem tem excesso pode dar
simultâneo

5 — afirmação mandatória
tem poder
de imposição
ex. Karma Karmun

6 — autoridades superiores
máxima
Mitos, PLATÃO

7 — As sanções ou recompensas. Ir ao encontro

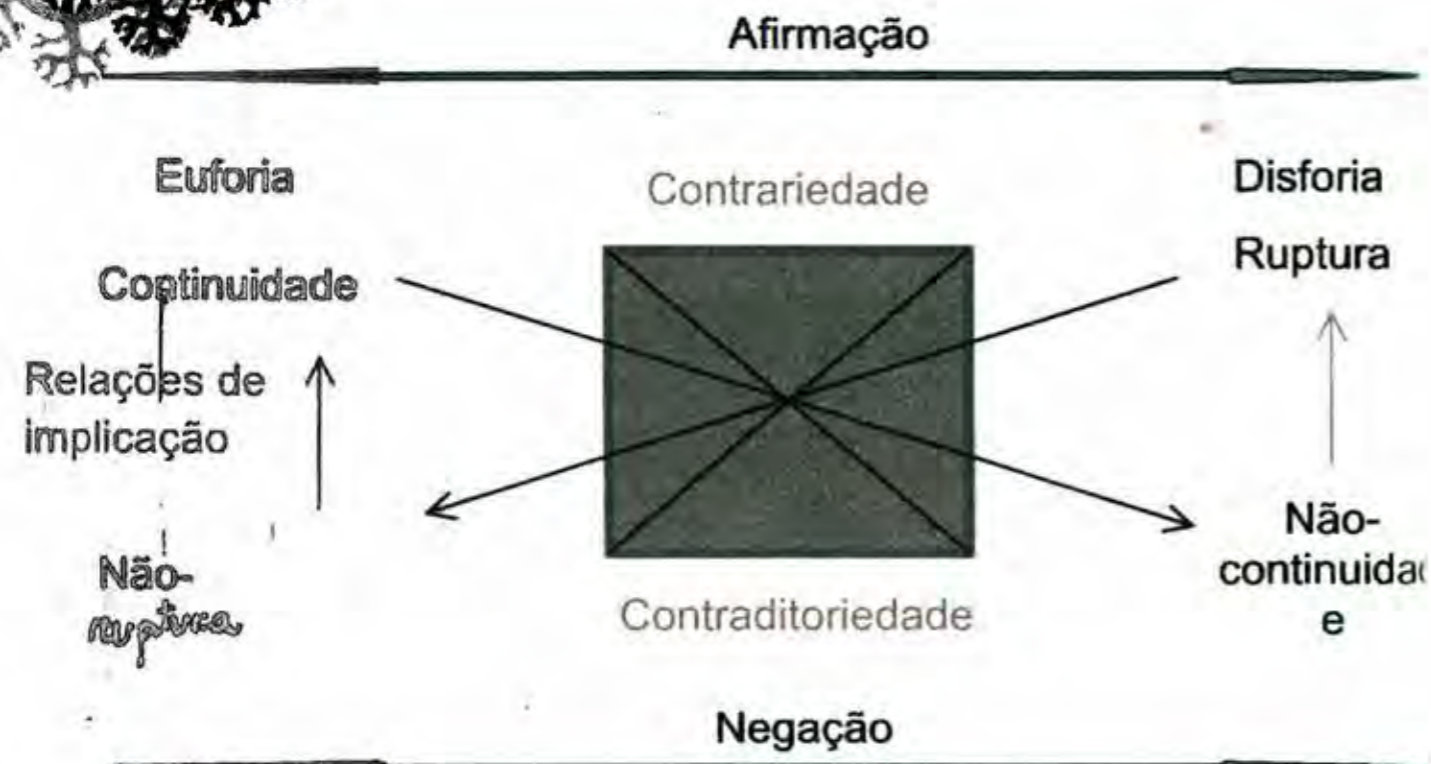
bom, se transforma de » , e

v. a. Vermeulen na
mitologia

Semiótica Greimasiana

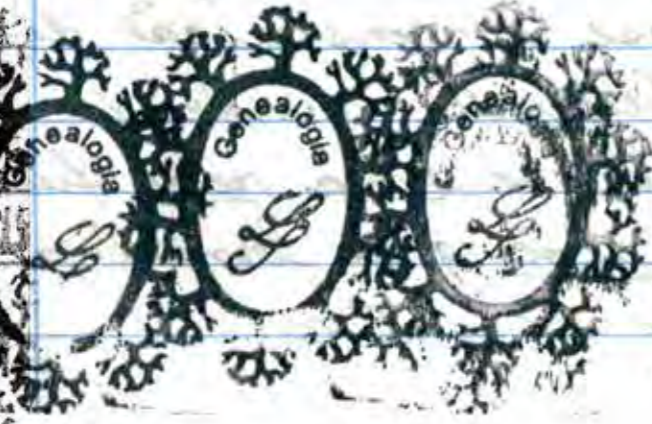
é a linha mais contemporânea cujos pesquisadores seguem o francês Algirdas Julien Greimas. Suas origens derivam dos estudos de Saussure q. propôs o termo Semiologia designando o estudo geral de todos os sistemas de signos. Ele é considerado o pai da Linguística ... A partir da semiótica

Greimasiana utilizando o método Percurso Gerativo de Sentido q. é um modelo utilizado p/ analisar a produção de sentidos usada na análise de um comercial através dos 3 níveis propostos por esse modelo: o fundamental, o narrativo e o discursivo. Começamos pelo fundamental, o nível + simples e abstrato, base da construção de um texto utilizando o quadro semiótico, busca-se uma rede fundamental de relações q. se formaliza no quadro semiótico →



A categoria sintaxica, nível fundamental: diz respeito às relações q. podem ser estabelecidas entre termos opostos e compreende 2 operações: negação e afirmação

dos termos contrários, vai produzir termos contraditórios q. não podem coexistir.



Assim, temos no comercial, continuidade não-continuidade e ruptura / não-ruptura faz a operação de afirmação diz respeito às relações entre um dos termos contrários e o seu contraditório oposto: continuidade implica não-ruptura e ruptura implica em não-continuidade (Pillar, 2005).

A categoria semântica do nível fundamental apresenta elementos eufóricos e/ característica positiva, e elem/ disfóricos e/ " negativa, surgindo as relações de contrariedade apresentando dupla negação. Com base em Fiorin (2004, p 22), exemplificamos o comercial da seguinte maneira: o termo continuidade pressupõe o termo ruptura para ganhar sentido e vice-versa. Se aplicarmos uma operação de negação a cada um dos contrários, obteremos 2 contraditórios: não-continuidade é o contraditório de ruptura e não-ruptura é o de continuidade.





A base do quadrado semiótico é tomada por um componente forico - euforia e disforia - integrantes da categoria semântica, q. determina os caminhos a serem seguidos p/ chegar à categoria sintaxica composta por relações de contradição. Assim, não-ruptura implica continuidade e não-continuidade implica ruptura. Através destas conexões entre contrariedade e contradição dá-se as relações de implicação.

No comercial, a euforia é representada pela continuidade e a disforia é representada pela ruptura. Então, num nível abstrato constatamos uma oposição semântica: continuidade x ruptura.

Uma narrativa clássica desenvolve-se em 4 fases: performance, manipulação, competência e sansão.

A performance acontece na transformação central da narrativa, apresenta-

da no comercial no momento em q. o homem bebe a água e tem segundos de "lucidez", de "clarividência" quanto ao q. sua atitude pode causar.

Ná manipulação, um destinador manipulador age sobre o outro - o destinatário manipulado - levando-o a querer e/ou dever fazer algo.

Quando o destinador manipulador usa seu poder sobre o manipulado, pode oferecer a ele um objeto de valor positivo ou negativo. Quando o objeto é positivo, ele procura manipular por meio do querer do manipulado, como é o caso dos prêmios e das recompensas.

(...) quando o objeto é negativo, o destinador manipulador procura instalar o dever do manipulado, como é o caso das castigas (Pietroforte, 2004 p. 17)

Existem 4 tipos de manipulação: tentação ("se vc guardar os binguedos ganha um doce") Intimidação ("se vc ñ guardar os binguedos, não vai ao parque") sedução

("como se é um menino esperto, vai guardar os brinquedos sozinho") e provação ("deixei os brinquedos p/ vc guardar, mas como você é muito mole sei q não vai fazer isto"). Dentro da relação de poder, temos a tentação, em q. o manipulador propõe ao manipulado uma recompensa (querer-fazer) e a intimidação em q. o manipulador obriga o manipulado através da ameaça (dever-fazer). Dentro da relação de saber temos a sedução em q. o manipulador leva a fazer, manifestando um juízo positivo sobre a competência do manipulado (querer-fazer) e a provação em q. o manipulador leva a fazer, manifestando um juízo negativo sobre a competência do manipulado (dever-fazer). As relações de poder se utilizam de um objeto de valor positivo ou negativo do manipulador sobre o mani-

pulado; e as relações de saber, utilizam-se de um estratagemas psicológico do manipulador, enaltecendo uma competência positiva ou negativa do manipulado! No comercial ocorre a tentação, através de uma relação de poder, ou seja o querer-fazer no momento em q. o homem ao ver a mulher em perigo sente-se atraído e tentado a ajudá-la, enaltecendo sua qualidade de força e virilidade se salva - lá! Ocorre também a sedução, quando a mulher ao dar a piscada de olhos, figurativiza um estereótipo ocidental de "femme fatale", reforçado pela cor vermelha de seu vestido, pelo seu decote acentuado com seios salientes, aparentemente indefesa e desamparada.



Na competência o sujeito transformador possui um saber e/ou poder fazer. Em algumas histórias, este poder é representado simbolicamente por um objeto. No comercial, a água mineral representa este poder, pois dá ao homem a "lucidez" q. o faz mudar de ideia. Ele sabe e pode salvar a mulher, no entanto, não o faz. A água tem o valor q. o próprio slogan revela através de uma metáfora: "A moment of clarity" (um momento de lucidez) denotando tanto transparência (quali: material) quanto clareza de pensamento (qualidade intangível, abstrata).

Na sancão ocorre quando ele julga q. ao ajudá-la, sua vida seguiria outro rumo q. ele não deseja para si e então decide ir embora.



Na categoria semântica do nível narrativo temos 2 tipos de objetos q. estão presentes em uma narrativa, os objetos de valor e os objetos modais. Segundo Fiorin (2004), objeto de valor é quando o objeto desejado pelo sujeito entra em conjunção ou disjunção na performance principal e cuja obtenção do objeto é o fim último do sujeito. No comercial, o homem até quer ajudar a mulher inicialmente, porém após beber a água tem "um momento de lucidez" e desiste. O seu objeto de valor não é a mulher ou a água mineral, mas sua liberdade presente em seu estilo de vida. A água mineral é o objeto modal, q. faz com q. ele dê continuidade ao seu estilo de vida.

Na categoria sintática do nível discursivo, ocorre o desenvolver da trama, é o momento em q. as relações acontecem. Quando os sujeitos, o tempo e o espaço são explicitos no enunciado temos uma enunciação enunciativa.



e quando os sujeitos, tempo e/ou espaço estão implícitos no enunciado temos uma enunciação enunciativa.
No comercial a "enunciativa" ocorre quando o homem e a mulher encontram-se no mesmo tempo e espaço: a troca de olhares - piscada dela e o aceno c/ o chapéu dela, revelando uma crisplicidade fugaz.

A enunciação enunciativa ocorre quando o homem, no "momento de lucidez" ao beber a água mineral se imagina c/ uma suposta família, num tempo e espaço remotos. Neste interior, ele é o único componente explícito - sujeito. Tempo e espaço.

Na categoria romântica do nível discursivo, os esquemas narrativos abstratos são apresentados por temas e/ou figuras do mundo natural e/ou construído.

Portanto, a concretização do sentido se dá através da tematização e da figurativização, porém não há obri-

gatoriedade de um texto ser figurativizado.

O tema é um conceito q. não remete ao mundo natural ou construído, pois refere-se aos códigos sociais do mundo e a figura é algo do mundo natural ou construído q. se refere às coisas da natureza e as evocadas pelo homem.

No comercial, o Tema é a continuidade, ou seja, a persistência do homem em seguir seu caminho através da "lucidez" q. a água mineral lhe proporcionou, mantendo seu estilo de vida, não rompendo seu ideal de liberdade e felicidade. Mostra-se talvez, egoísta e individualista quando desiste de salvar a mulher sedutora.

A figura se faz presentificada pelo estereótipo do cowboy errante, c/ seu inseparável cavalo, sem destino certo;

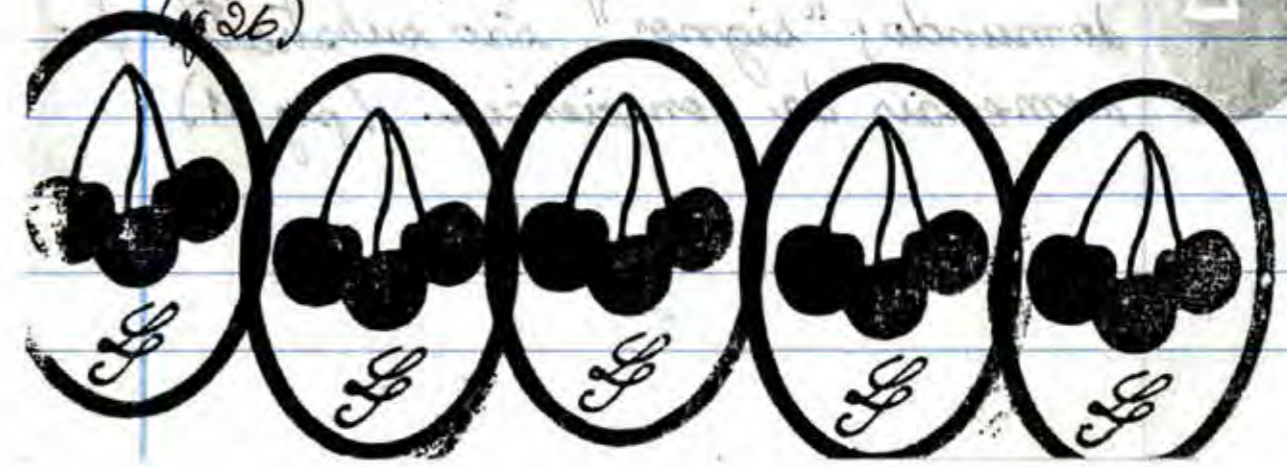
Concluindo percursos.

Quando se fala em Percorso Gerativo de Sentido, busca-se a análise da pro-

Pequena
Esquema Estética de Max Bense

A estética de Max Bense compreende 3 ramos principais: a) estética semiótica ou signica; b) estética numérica ou informacional; c) estética gerativa, q. é uma teoria matemático-tecnológica da transformação de 1 repertório em diretivas, destas em procedim/ e dos procedim/ em (relaçã) realizações estéticas (p. 19).

O símbolo, na referência de objeto, tem o mais alto grau de semioticidade, o mais alto grau de liberdade criativa, ... o máximo grau de "separabilidade do objeto". O índice, cuja genuína relação c/ o objeto, restringe a liberdade do interpretante e o ícone q. entra em concordância pelo menos parcial c/ o objeto, reduz ainda mais o arbítrio do intérprete (p. 26).



109
dução de sentido através da relação dos elementos do plano de expressão, q. culminam no plano de conteúdo, partindo de uma narrativa apresentada sob qualquer forma de texto.

"No discurso publicitário, a mercadoria e o mito são objetos negociados, i. e., acerca q. a possibilidade de se alcançarem os desejos q. são irrealizáveis (Leão, p. 53). E no comercial isto está evidente através da continuidade do mito de uma vida perfeita presentificada pela mercadoria apresentada q. é água mineral.

A publicidade é um texto q. produz efeitos de sentido, geralmente unilaterais do um único ponto de vista, o do consumidor. Isto se dá pela falta de hábito e exercício de uma análise mais profunda pela maioria das pessoas.

www.gpaecart.udesc.br/artigos/3/artigo-LarissaBelleBerba.pdf

Pequena estética de Max Rensi



Entre mundo e consciência inter-
põem-se os "meios" da ação e da
elaboração. Pois nenhum mundo,
material algum, entra, como tal,
na agitação da consciência, na
reflexão, na abstração, na seleção,
na representação. Tem q. ser me-
diado. A língua é o medium mais
eficaz dessa mediação. (pag 50)



Nossas "línguas" de modo algum emer-
gem diretamente dos objetos-do-mundo:
elas também são mediadas por cam-
adas de "sinais" e camadas de signos.
Sinais são substratos físicos dos objetos-
do mundo; "signos", são substratos fe-
nomenais da consciência. (pag 51)

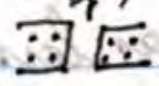




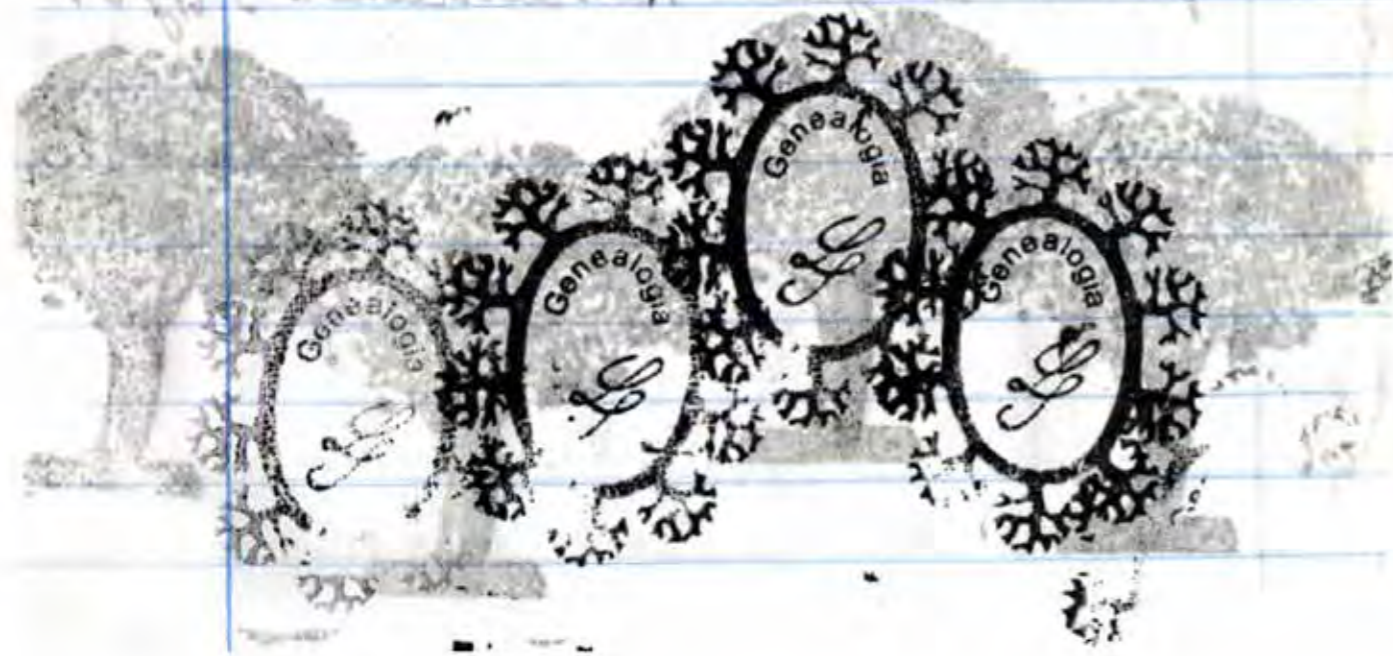
Aquilo q. se apresenta de todo inde-
terminado, como talvez um "caos",
não poderá ser identificado e fixado:
terá q. ser, primeiro transposto a
um estado ainda q. fracam/ deter-
minado, para tornar-se identi-
ficável (pg 89)

... pode-se dizer q. os estados físi-
cos são determinados de forma
geral (segundo as leis da natureza),
mas os estados estéticos o são de
forma singular (individual) (pg 89)



Semiótica decrescente significa também separabilidade decrescente. Isto é explicável c/ a ajuda dos esquemas topologizados q/ o símbolo, índice, e ícone referidos ao objeto. Pois esses esquemas expressam q. a iconicidade aparece em características coincidentes; a indicialidade, em características ligáveis, enquanto q. a simbolicidade é um ato de nomeação livre, independente:

elem/ separado elem/ ligados
 símbolo  índice 
 ícone  elem/ coincidentes (pag. 102)



Pequena estética de Max Bense

"A estética formula princípios de possíveis obras de arte..." (pag. 19)

Em certo modo, a arte e a estética se comportam, respectivamente, como linguagem do objeto y metalinguagem (pg. 16)

"... A estética partindo da pressuposta produção artística, elabora os objetos da sua própria indagação (pg. 20)

O ser estético se revela como um mundo de signos, todo delírio estético descansa em sua força de atração ou de repulsão (pag. 38)
(Estética - Max Bense)



TAZ (Zona Autônoma Temporária)

A TAZ é uma espécie de rebelião q. não confronta o Estado diretamente, uma operação de guerrilha q. libera uma área (de terra, de tempo de imaginação) e se dissolve para se refazer em outro lugar, outro momento, antes q. o Estado possa esmagá-la. Seu grande triunfo está em sua invisibilidade. [o Estado ão pode reconhecê-la porque a história não a define.

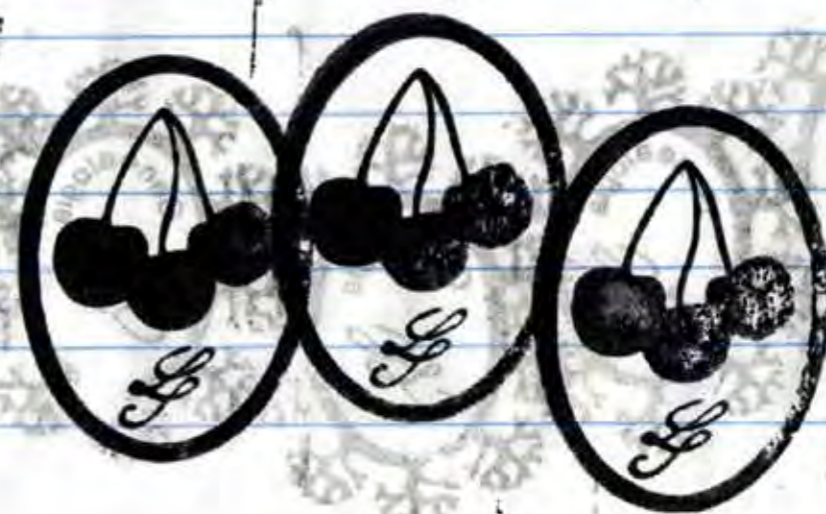
"A TAZ é uma técnica perfeita p. uma época em q. o Estado é onipotente e todo poderoso, mas repleto de rachaduras e fendas"

"O nosso século é o primeiro sem terra incognita, sem fronteiras"



A TAZ é "utópica" no sentido q. imagina uma intensificação da vida cotidiana ou, como diriam os surrealistas, a penetração do Maravilhoso na vida.

A família nuclear, q. suas conseqüentes "dores edipeanas", parece ter sido uma invocação mitológica, uma resposta à "revolução agrícola" q. sua escassez e hierarquia impostas. O modelo paleolítico é mais primário e mais radical: o bando. O típico bando nômade de caçadores/coletores é formado por cerca de 50 pessoas... o bando é aberto - ão a todos - mas aos iniciados q. juraram sobre um laço de amor. Quando ão pertence a uma hierarquia maior, ele é parte de costumes, parentes-cos, contratos e alianças, afinidades espirituais, etc

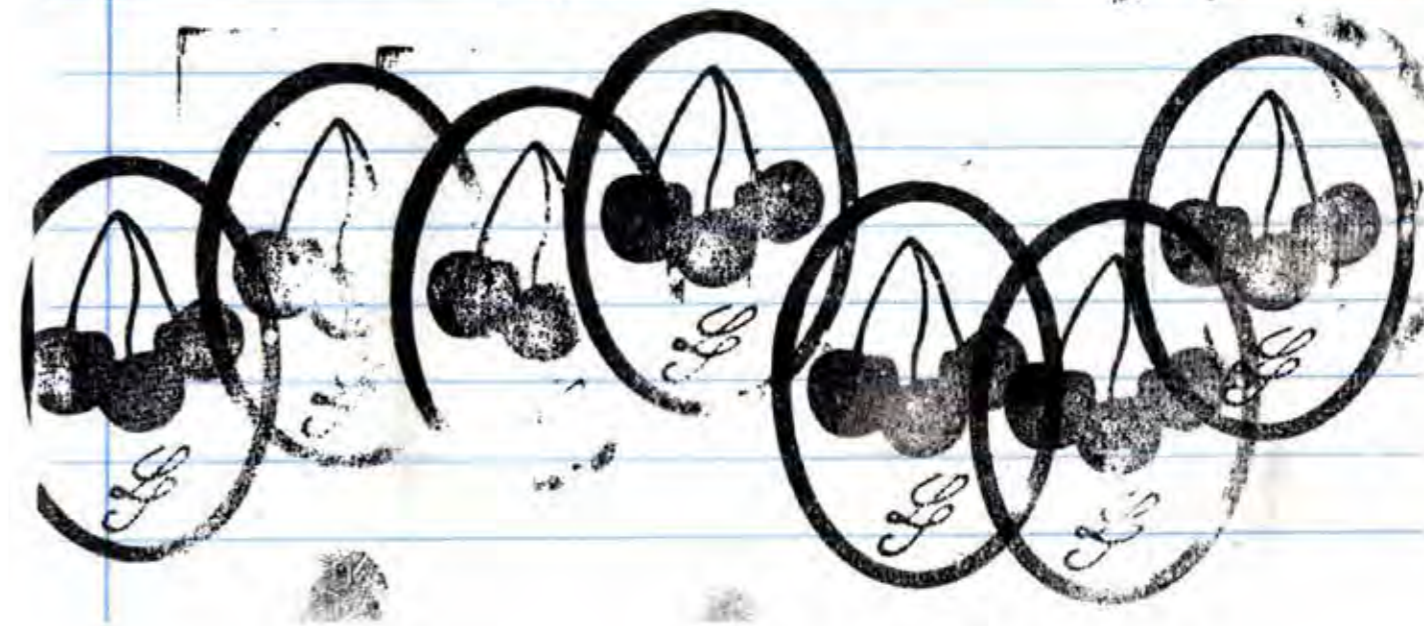




Na TAZ, arte como uma mercadoria será *surplus*/impossível.
 Ao contrário, a arte será uma condição de vida. A mediação é difícil de ser superada, mas a remoção de todas as barreiras entre artistas e "usuários da arte" tenderá a uma condição na qual (como A.K. Coomaraswamy escreveu) "o artista não é um tipo especial de pessoa, mas toda pessoa é um tipo especial de artista".



Por uma característica de sua própria natureza, a TAZ faz uso de qualquer meio disponível para concretizar-se - pode ganhar vida tanto numa caverna quanto numa cidade espacial - mas, acima de tudo, ela *deve* viver, agora, ou o quanto antes, sob qualquer forma, seja ela suspeita ou desorganizada... sem preocupar-se com ideologias ou anti ideologias.





www.espacoamarelo.com



procoaoutubroaberto.blogspot.com.br

LUCY SALLES

Realização **NACLA** - Coleção Cadernos de NACLA

ProCOa - Projeto Ações Comparadas II

Concepção - grupo de estudos **NASQUARTAS** (LPy-COliveira-HSilva)

Coordenação geral: lpy | Coordenação: Cristiane Ohassi, Renata Danicek | Projeto gráfico: Escritório COHASSI Art&Design
Escaneamento: Cadernos anos 2015/2016) • Impressão e acabamento: InPrima • ano 2017



LUCY SALLES - Artista plástica vive e trabalha em São Paulo.

ATELIER - ESPAÇO ABERTO - Rua Sampaio Vidal, 794 - Jardim Paulistano - CEP 01443-001 - São Paulo, SP - Brasil
visitas com agendamento | lucysalles7@gmail.com | Facebook: [lucy.lopes.salles](https://www.facebook.com/lucy.lopes.salles)

ARTE CULTURA

latino
americana

